

MUSEU ARQUIDIOCESANO DE CAMPINAS

Rua Aquidabã N.º 734

13 100 - Campinas - S P



BARONESA DE TRÊS RIOS (Ana Francisca da Silva Azevedo) 1829 - 1875

Tela de ~~Solomon~~ Escola - 1874

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa -

Óleo de SALVADOR ESCOLÁ



Retrato de José Franco de Andrade

Tela de 1878

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de SALVADOR ESCOLÁ



Retrato de Dona Brasília Augusta de ^{Silva Franco} Sousa Franco

Tela de 1878

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de SALVADOR ESCOLÁ



Retrato de João Francisco de Andrade Franco

Tela de 1878

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de SALVADOR ESCOLÁ



Retrato de Dona Amélia Augusta de Sousa Aranha

Tela de 1878

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

FUNDIÇÃO LUÍS FABER

"1858 - Luís Faber instala suas oficinas de fundição e mecânica" (José de Castro Mendes - "Efemérides Campineiras" pag. 35).

(Esta fundição em areia, como se fazia então, é finíssima obra de arte). Pertence ao Museu Arquidiocesano de Campinas.

PINTORA

RUTH PINTO DE MORAIS FABER



BACH 1685-1750

N^{os} 466 a 474 - GRANDES COMPOSITORES MUSICAIS

Dimensões: diâmetro 0,20.

Material: pratos de porcelana.

Exterior: retratos dos compositores e acordes de suas composições.

Época: atual.

Procedência- ateliê da doadora.

Origem: obra da pintora laureada Ruth Pinto de Moraes Faber.

Ofertante: a autora.

Observações do Museu: contêm os nove pratos as efígies de cada um dos compositores, Bach 1685, Haydn 1732, Mozart 1756, Beethoven 1770, Schubert 1797, Chopin 1810, Schumann 1810, Liszt 1811 e Wagner 1813.

Nº 467



HAYDN 1732-1809

Nº 468



MOZART 1756-1791

Nº 469



BEETHOVEN 1770-1827

Nº 470



SCHUBERT - 1797-1828

Nº 471



CHOPIN 1810-1849

Nº 472



SCHUMANN 1810-1856

Nº 473



LISZT 1811-1886

Nº 474



WAGNER 1813-1883



Nº 529 - INOCÊNCIO X : PAPA.

Dimensões da tela: alt. 0,55; larg. 0,46.

Material: óleo sobre tela, com moldura.

Exterior: cores, cópia de obra de Velásquez.

Época: 1946.

Procedência: da doadora.

Origem: obra da pintora Ruth Pinto de Moraes Faber.

Ofertante: a autora.

Observações do Museu: João Batista Pamphili, como Papa
Inocêncio X, pontificou de 1644 a 1655.

*João Batista Pamphili
pont. de 1644 a 1655*

J. Ales

Faber, Ruth em Campinas

coleção sua casa, quadros n.º 50, 51

retratos de musicistas em pratos - Col. Museu Arqueológico

Papa Inocência ^{IX} ~~copie~~ de Velázquez - Museu Arqueológico

Rua M. M. de C., n.º 58 - tel. 51-00-27

Óleos de Ruth Fáber



Retrato do Papa

Cópia de Velasques.



Prato - efigie e música de

Johann Sebastian Bach (1685-1750)

Coleção do Museu Arquidiocesano de Campinas.

Óleos de RUTH FÁBER



Prato - efígie e música de Ludwig van Beethoven (1770-1827).



Prato - efígie e música de Frédéric Chopin (1810-1849).

Coleção do Museu Arquidiocesano de Campinas.

Óleos de RUTH FÁBER



Prato - efígie e música de Joseph Haydn (1732-1809)



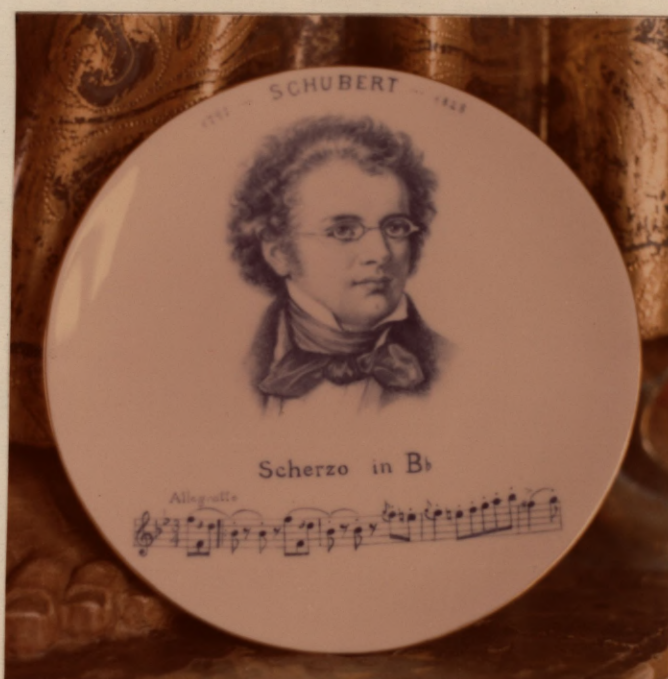
Prato - Efigie e música de Franz Liszt (1811-1886).

Coleção do Museu Arquidiocesano de Campinas.

Óleos de RUTH FÁBER



Prato - Efigie e música de Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791).



Prato - Efigie e música de Franz Schubert (1797-1828)
Coleção do Museu Arquidiocesano de Campinas.

Óleos de RUTH FÁBER



Prato - Efigie e música de Robert Schumann (1810-1856).



Prato - Efigie e música de Richard Wagner (1813-1883).

Coleção do Museu Arquidiocesano de Campinas.

Óleo de RUTH FÁBER



Retrato de Dona Maria Amélia Ceuto de Barros

Tela de 1963

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de RUTH FÁBER



Retrato de Dona Emerenciana Julieta Couto de Barros

Tela de 1963

Coleção de Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

PINTORA GUIOMAR S. FAGUNDES



Nº 434 - 1º Congresso Eucarístico de Santos.

Dimensões: alt. 0,26; Larg. 0,41, mais a moldura.

Material: Óleo sobre madeira.

Exterior: cores do natural.

Época: século XX, 1942.

Procedência: da autora.

Origem: obra da pintora Guiomar S. Fagundes, de Santos.

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu:

Alles

Tania, Leopoldino

notícia (Gazeta 11-I-1883

quadro (Gazeta 14-I-1883 - 14-I-1882

Sampaio, Leopoldo - 12.IX-1885 - Instituto de F. e P. de M. (M. Sampaio)

Ules

Ferreira, Miguel

(notícia (Sagda 11-VII-1879

(estudos na Europa, notícia.

Ules

Ferreira, Ruy-Martins e Campuies

Teodoro Braga, 209

guardas em Sta Casa n.º 26

Óleo de RUY MARTINS FERREIRA



Retrato de ^{NP}Nona Narcisa de Arruda Pereira da Silva

Tela de 1914

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Marc Ferrez

A Secretaria de Estado da Cultura e
Pinacoteca do Estado de São Paulo

têm a honra de convidar V. Sa. e família
para o coquetel de abertura da Exposição

A FOTOGRAFIA DO BRASIL NO SÉCULO XIX
DO PARÁ A SÃO PAULO
E
150 ANOS DO FOTÓGRAFO
MARC FERREZ

Dia 11 de dezembro de 1993,
das 13:00 às 18:00 horas.

Exposição de 11 de dezembro de 1993
a 11 de fevereiro de 1994

De terça a domingo, das 13:00 às 18:00 Horas

Pinacoteca do Estado - av. Tiradentes, 141 - Luz
CEP 01101-010 - SP - Tel.: 228-9637

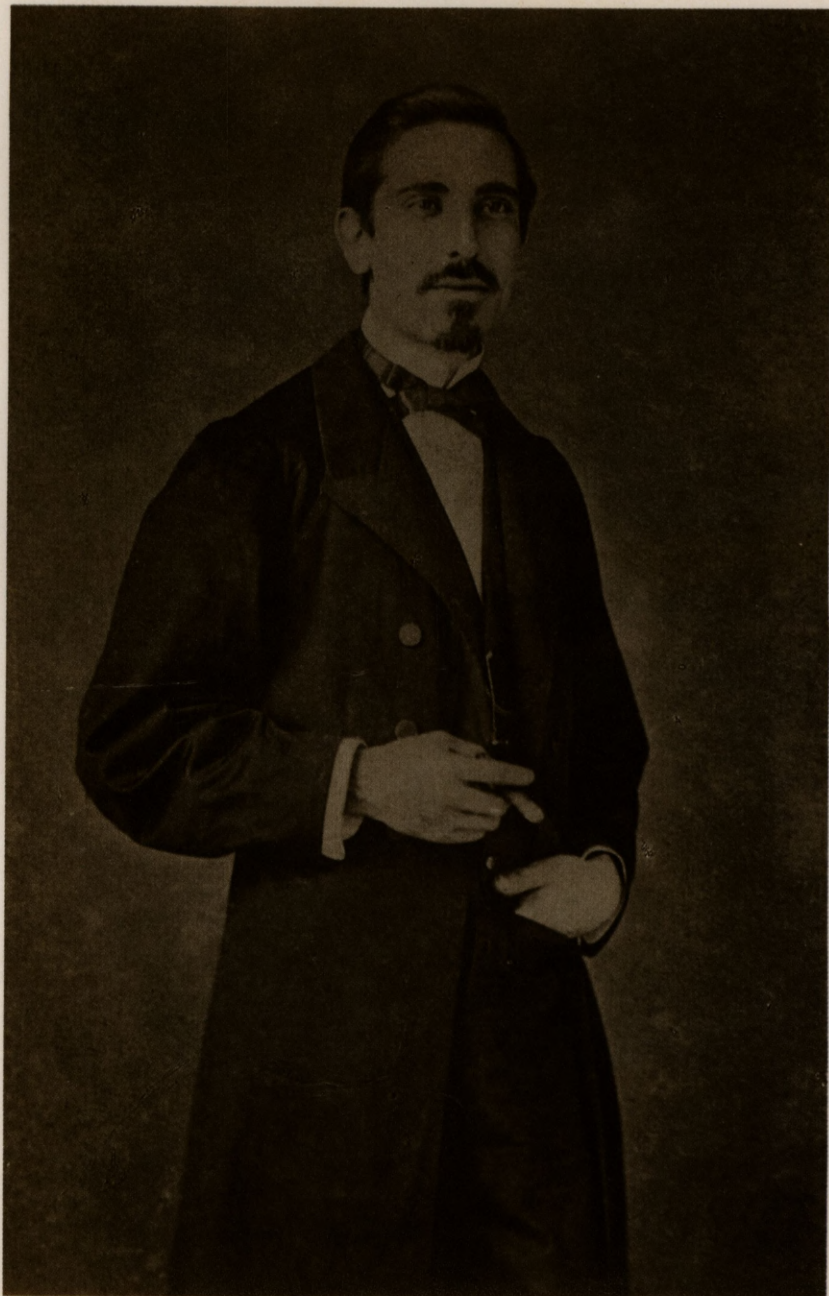
PINACOTECA
**SEU
MU
SEU**
SECRETARIA DE ESTADO DA
CULTURA

A FOTOGRAFIA DO BRASIL NO SÉCULO XIX

Coleção Gilberto Ferrez

Marc Ferrez

O
FOTÓGRAFO
MARC FERREZ
150 ANOS



1843/1993

Figueiras, Narciso

noticia (Gazeta 23-VII-1880

Oleo

Figueiredo, Aurélio de (Francisco Aurélio de Figueiredo e Mello)
exposições de 38 telas - "Cidade" 16-IV - 1902

Teodoro Braga 44 - Landilins 290, 292, 380

Tem no Museu Nacional de Belas Artes, "Retrato de Senhora" "Catálogo 1968)

AMADOR FLORENCE

"Gazeta de Campinas" nº 2089 de 12/XI-1880

"Um belo retrato de Carlos Gomes, feito a creion,

trabalho primoroso do sr. Amador Florence"

CONSERVADOS COM PREÇO MÁXIMO DE 500.000.

I - ESTATÍSTICA DE BENS DO MUNICÍPIO

ANEXO I -

ANEXO II -

ANEXO III -

ANEXO IV -

SEÇÃO III

ANEXO V -

ANEXO VI -

ANEXO VII -

ANEXO VIII -

ANEXO IX -

ANEXO X -



PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

crayon

Florence - Amador

retreat of Carlos Gomes (Gazeta 27-III-1883)

PINTOR HÉRCULES FLORENCE

Nascido em Nice, França, partiu para o Brasil em fevereiro de 1824. Aqui tomou parte na expedição Langsdorff percorrendo os sertões do país por quatro anos. Ao retornar, procurou Campinas onde se fixou, casando-se com a brasileira Maria Angélica Machado. Como notável cientista e autor de trabalhos valiosos, foi o descobridor da fotografia, além de executar trabalhos de pintura, de paisagens brasileiras e retratos. Manteve sempre seu atelier e residência nesta cidade, dispondo também da fazenda "Soledade" que sua sogra legou a seus filhos. Foi o pai da iconografia brasileira, no dizer de Afonso d'Escagnole Taunay. Faleceu em Campinas a 27 de março de 1879.



Nº 237 - MIGUEL RIBEIRO DE CAMARGO

Dimensões: altura 0,43; largura 0,37.

Material: guache sobre papel.

Exterior: cores, com moldura.

Época: 1ª metade do século XIX.

Procedência: particular.

Origem: obra do pintor Hércules Florence.

Ofertante: Alice Prado de Toledo.

Observações do Museu: o retratado faleceu em 1850, foi sargento-mór e vereador em Campinas (S.L. VI 542). A autoria foi confirmada pelo bisneto do autor, o pintor Arnaldo Machado Florence.

Fotografias de quadros pintados, na maioria por Hércules Florence, e copiados posteriormente, com visões do passado de Campinas - existentes no Museu Paulista, do Ipiranga em São Paulo.

Desta

Desta e outras

Nº 549 - DERRUBADA NA FAZENDA CAXOEIRA.

Dimensões: alt. 0,40; larg. 0,60.

Material: fotográfico.

Exterior: preto e branco.

Época: do original, 1840.

Procedência: Museu Paulista, do Ipiranga.

Origem: pintura de Hércules Florence.

Ofertante; adquirido pelo Museu.

Observações do Museu:

Ules - Gonacho

Florence, Hércules

n 1804

+ 1879

Grandjean de Montigni, 189, 303

retrato de Miguel Ribeiro de Camargo
no Museu Arqueológico

Retratado por Norfini

Florence - Hércules



Retrato de Miguel Ribeiro de Camargo

Ramo da arte: pintura - gouache.

Matéria: papelão.

Dimensões: altura 0,42; largura 0,36.

Época: primeira metade do século dezenove.

Coleção: Museu Arquidiocesano de Campinas.

Autor da obra: Hércules Florence. ~~atribuído~~.

Observações: Doação de Dona Alice Prado de Toledo, da família do retratado, em agosto de 1974.

+1850 com

Arreado em Campinas em 1808 e 1815

Pintura e Escultura em Campinas

CORREIO POPULAR

Campinas - Terça-Feira, 6 de Setembro de 1960



S. SEBASTIAO — Pintura a óleo sobre placa de cobre, oferecida por Hercules Florence à exma. sra. d. Candida Penteado. Neste admirável trabalho do notável homem de ciências e artista, observa-se o apuro do desenho, a maestria técnica no tratamento da carnção e anatomia da figura, bem como o meticoloso emprêgo das meias tintas na paisagem ao fundo, contrastando com o sombreado no primeiro plano.

Desenvolvendo inúmeras atividades, pesquisando processos para a reprodução de escritos, criando o papel inimitável, e uma nova ordem arquitetônica, ou inventando a fotografia, Hercules Florence destaca-se como desensista, aquarelista e pintor de invulgares méritos, cujas obras, apesar do tempo em que foram realizadas ainda hoje permanecem em grande parte dispersas e sem a merecida divulgação.

*Participo do atualamento
a Souza Aldo P. Miranda*

*Pela perfeição fisionô-
mica, acho impossível
ser obra de Hercules Flo-
rence - Celson. deq. Pupo*

Hercules Florence o precursor do ensino artistico

— Artistas do passado e do presente — Classicos e modernos

Em sua viagem pelo interior da Provincia de São Paulo, em 1819, o naturalista Saint-Hilaire, hospedando-se na residência do Capitão Mór agregado de Campinas, Floriano de Camargo Penteado, observou uns festões de rosas pintados nas paredes da sala onde fôra recebido, anotando isto como indice de bom gosto.

Sem entrar no mérito artistico daquelle trabalho, o illustre itinerante, ao se referir a este detalhe, deixava a mais antiga informação sobre o uso da pintura decorativa nesta cidade.

Cabe, entretanto, a Hercules Florence a primazia do ensino do desenho e da pintura aos campineiros. Homem de invulgar cultura, participante da malograda expedição Langsdorff, aqui fixou residência, consorciando-se com Maria Angélica, filha do cirurgião Alvarés Machado.

A elle devemos copioso documentário sobre usos e costumes antigos, aspectos urbanos e rurais, e vários retratos de pessoas illustres da época, acervo preciosíssimo e de grande valor informativo.

Da Matriz Nova, Hercules Florence deixou um desenho executado em 1835, quando as obras do grandioso templo ainda se achavam na fase inicial, a poucos metros acima do sólo, fixando os processos de socamento das respectivas taipas, e uma outra prancha realizada por ocasião da cobertura da nave principal.

Um dos gêneros da pintura mais divulgados e acolhidos com entusiasmo pelos campineiros, a partir dos meados do século passado, foi o retrato a óleo, sendo em grande número, os exemplares ainda existentes em residências particulares e associações diversas, trabalhos excelentes, assinados por artistas que aqui chegavam a convite para retratar a nobreza, e gente de prôl.

Barandier (autor dos grandes quadros da Via Sacra expostos nos "Passos" durante a Semana Santa), Elpinice Torrini, pintor dos antigos vitrais da Matriz Nova, Salvador Ecolá, Fernando Pierreck, da Academia de Viena, Oscar Pereira da Silva, A. Lobe e outros destacados pintores, assinam preciosos retratos de eminentes vultos campineiros.

Mais tarde, acompanhando o desenvolvimento cultural da cidade, grande número de jovens, senhoras e senhorinhas dedicaram-se ao estudo da pintura.

Em 1897, Augusto Cerri & Cia., comerciantes nesta praça, inauguravam um salão destinado às exposições de quadros, apresentando trabalhos de alunas da professora Ana Mirssalis.

Nos primeiros anos deste século, vários pintores de renome aqui residindo temporariamente, mantinham frequentadíssimos cursos de pintura. Alfredo Norfini, exímio aquarelista, Angelo Bertoni, paisagista de méritos e Agnelo Correia, deram grande impulso ao desenvolvimento da arte dos pincéis em Campinas.

No Clube Campineiro, e Centro de Ciências, Letras e Artes, sucediam-se as exposições de artistas de renome internacional como E. Parreiras, Pedro Alexandrino, Oscar Pereira da Silva e Benedito Calixto, cujas obras passavam rapidamente para as galerias particulares.

A escultura, geralmente apreciada nas peças importadas, também começava a conquistar terreno, manifestando-se nas vocações de Nicolina Vaz e Marcelino Velez, os primeiros artistas conterrâneos que se destacaram nessa especialidade.

Mais tarde, na grande Exposição Preparatória comemorativa do 1.º centenário da Independência, certa me levado a efeito nas dependências do I. Profissional Bento Quirino, entre os mostruários demonstrativos da vitalidade industrial e agrícola de nossa terra, salientava-se a mostra de trabalhos de artistas campineiros, entre os quais muito se destacou Gerson Pompeu Pinheiro, de 15 anos, que apresentou o grande quadro "Homenagem do presente ao passado", obra de inspirada composição.

Em 1936, no Centro de Ciências, Letras e Artes, abria-se o Salão de Belas Artes em homenagem a Carlos Gomes, reunindo grande número de telas e esculturas.

No ano seguinte, inaugurava-se o 1.º Salão de Arte Infantil com desenhos de crianças do curso primário, certame interessantíssimo, que obteve destacado êxito seguindo-se em 1943 a instalação do Salão de Belas Artes oficializado pella Prefeitura Municipal, acolhendo obras de artistas campineiros e de outras localidades do Estado.

A semente lançada por Hercules Florence em campo fértil, multiplicara-se extraordinariamente.

Campinas, na actualidade, figura entre os maiores centros culturais do país onde as Belas Artes se desenvolvem num ambiente de grande entusiasmo, incentivando o aparecimento de novos artistas, cujas obras são inspiradas pelas linhas do velho classicismo ou realizadas dentro das formas revolucionárias que caracterizam a arte contemporânea.

~~como Pereira da Silva Mano~~

Joaquim da Rocha Fragozo

Um Século de Pintura?
está no período 1840-1860, com Baraúna e outros
pag. 90 - "Jm da Rocha Fragozo
Natural do Rio de Janeiro, aluno
~~da Academia~~
da Academia. Falecido"

~~autógrafo me pag 127.~~

veja pela seguinte

Oleo

Fragoso, Joaquim da Rocha - comendador, residente na Corte,
retrato de Bento Quirino mandado fazer pela Santa
Casa; está em bela moldura e na parte superior do
quadro há uma chapa de prata com a dedicatória:
"Homenagem ao benemerito irmão Bento Quirino dos
Santos. Campinas 2 de julho de 1885." (Gazeta 30.VIII-1885)
Teodoro Braga, 206 -

Coleção de Santa Casa

- retrato de Ant. Fe. Guimarães (n.º 1) - 1870
" " Alvaro Benedito Santos Prado (n.º 2) - 1870
" " Barão de Monte Mor (n.º 3) 1870
" " Maria Felicíssima & Alben Soares (n.º 4) - 1870
" " Barão de Atibaia (n.º 5) - 1881
" " José Jm. de Oliveira Fernandes (n.º 6)
" " Vitorino Pinto Nunes (n.º 7) - 1881
(Bugs 204)

Tem no Museu Nacional de Belas Artes (3ª andar em 1968) os trabalhos:
"Retrato de J. A. Fernandes de Oliveira" e "Auto-retrato". (ver Catalogo de 1968)

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA CARDOSO

Fragoso



Retrato de Antônio Francisco Guimarães, "O Bahia".

Tela de 1870

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA FRAGOSO



Retrato de Diogo Benedito dos Santos Prado

Tela de 1870

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA FRAGOSO



Retrato do Barão de Monte Mor (José Bonifácio de Campos Ferraz)

Tela de 1870

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Foto de Celso

Fragile
Óleo de JOAQUIM DA ROCHA CARDOSO



Retrato de Barão de Monte Mer (José Bonifácio de Campos
Ferraz)

Tela de 1870

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Cas.

Fotógrafo profissional

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA FRAGOSO



Retrato de Dona Maria Felicíssima de Abreu Soares

Tela de 1870

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA FRAGOSO



Retrato do Barão de Atibáia (Joaquim Antônio de Arruda)

Tela de 1881

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA FRAGOSO



Retrato de José Joaquim de Oliveira Fernandes

Tela de 1881

Coleção da Irmandade de Misericórdia
de Campinas - Santa Casa.

Óleo de JOAQUIM DA ROCHA FRAGOSO



Retrato de Vitorino Pinto Nunes

Tela de 1881

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa

Luís Franco, possível
pintor do retrato do Câmara
pelos anos de 1939-40 e
que fez exposição em Campinas
(informação de João Rodrigues Serra
em 14.VII-1976)

autor do retrato do Câmara
foi professor de Candavalli



Retrato de Dom Paulo José da Câmara.

Matéria: óleo sobre tela.

Dimensões:

Época: 1935.

Autor:

~~Luigi Franco, rep~~

Observações:

~~Luigi Franco, rep~~
~~notas de Cardaroli~~
~~Salvador Campos?~~

Cultura

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Frick, Fernando
estatua de dom Neri (A Tribuna - 28-V-1924)

Maurito: 50 anos de pintura.

O artista plástico Maurito Ganzarolli está comemorando meio século de carreira com a exposição "50 anos de Artes Plásticas", que reúne 56 de seus últimos trabalhos. Nestes anos Ganzarolli percorreu diversas exposições pelo interior e pela capital, e teve suas obras premiadas com medalhas de bronze, prata, ouro, Menção Honrosa, além de troféus. Os quadros em óleo sobre tela podem ser vistos até o próximo dia 30 na Casa Velha Bahia, no Cambuí.

Desde os 13 anos Ganzarolli demonstrou interesse pelas artes. Sua iniciação foi no desenho, quando reproduzia retratos de artistas de cinema utilizando crayon. Passou em seguida a trabalhar com pintura a óleo e aquarela. No momento o artista utiliza a técnica óleo sobre a tela ou sobre o duratex.

O acadêmico passou a se dedicar exclusivamente à pintura há 5,5 anos, quando se aposentou. Ganzarolli estudou desenho e por mais de 30 anos foi desenhista técnico do Instituto de

Tecnologia de Alimentos. Por cerca de seis anos foi professor de desenho no Colégio Técnico da Unicamp e sua atuação como professor se estende a aulas de pintura acadêmica, ministradas em seu ateliê.

Os quadros de Ganzarolli ultrapassaram as fronteiras do país e foram levados para países como França e Itália. Este ano, seu filho Marcos, de 19 anos, também pintor, foi para Nova Iorque levando na bagagem 20 quadros do pai,



Maurito Ganzarolli exposição para comemorar meio século de trabalho.

que renderam, ao artista o convite para uma exposição no próximo ano.

Ganzarolli diz que sente muito prazer em pintar, mas não realizado como pintor, pois está sempre buscando e aprendendo novas técnicas e maneiras de aperfeiçoar o seu trabalho.

Maurito Ganzarolli estará expondo os seus quadros dentro da mostra "50 Anos de Artes Plásticas" até o próximo dia 30, das 9 às 19 horas na Casa Velha Bahia, à rua Coronel Quirino, 387, no Cambuí.

Ganzarolli - Maurito

2661-IX-XI 28 novembro 1992

"Jornal de Domingo 22-XI-1992

Ganزارolli

"Diário do Povo" 27-XI-1992

Ganزارolli comemora 50 anos de pintura

O artista plástico Maurito Ganزارolli, 63, comemora seus cinquenta anos de pintura com uma exposição instalada na Velha Bahia Móveis e Decorações, rua Conde de Albuquerque, 387, no Camboi. Ao todo, são 75 quadros em estilo acadêmico que, segundo Ganزارolli, marcam sua trajetória como pintor. A mostra, que deveria terminar no dia 30 deste mês, poderá ter sua duração ampliada.

As obras de Ganزارolli retratam paisagens, composições florais, nus e marinhas, além dos arranjos de

natureza-morta. Em óleo sobre tela, esses instantes do cotidiano e as criações do artista surgem pautadas no rigor do estilo acadêmico. Apesar disso, revelam as vibrações necessárias para dotar essas imagens de vida e calor.

Segundo Ganزارolli, suas paisagens são retiradas da região de Campinas e do litoral paulista. Os modelos para as composições com natureza-morta são cuidadosamente preparados em sua casa. Campineiro e aposentado, hoje ele se dedica apenas à criação e às pesqui-

Divulgação



Paisagem composta em óleo sobre tela de Maurito Ganزارolli

Óleo de SÔNIA DA ROCHA BRITO GERIN

20/09/1976 - Exposição na

Academia Campinense de Letras



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Óleo de SÔNIA DA ROCHA BRITO GERIN

20/09/1976 - Exposição na

Academia Campinense de Letras



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Óleo de SÔNIA DA ROCHA BRITO GERIN

20/09/1976 - Exposição na

Academia Campinense de Letras



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupe
Campinas - SP.

Óleo de SÔNIA ROCHA BRITO GERIN:



Diamantina.

Exposição de abril de 1981.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

O Banco Europeu

*Convida para a abertura da exposição
de pintura dos artistas:*

Sônia Rocha Brito Gerin

Pindaro Zerbinatti

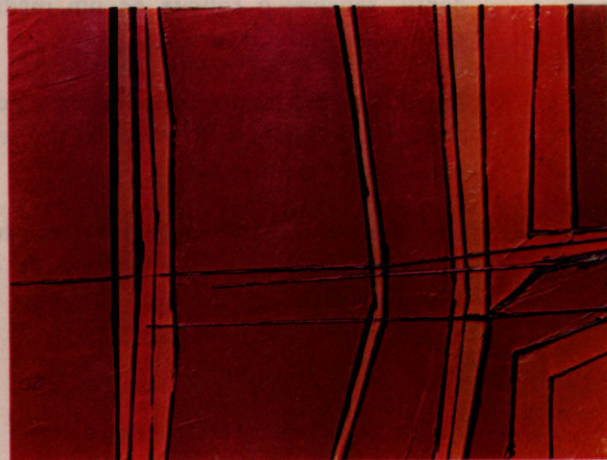
Manuel Affonso Ferreira

Francisco Biojone

*Vernissage: dia 1 de dezembro de
1983, às 21 horas, coquetel no Banco Europeu à Av.
Francisco Glicério, 838 (estacionamento ao lado).*

*A exposição permanecerá no Banco até
dia 15/12/83.*

Um abraço da
Sônia



Sônia



EXPOSIÇÃO DE SÔNIA ROCHA BRITO GERIN

Palácio dos Azulejos, agosto de 1988:



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Exposição de Sônia Rocha Brito Gerin

Palácio dos Azulejos, agosto de 1988:



ARQUIVO
Gêise Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Goes - José Pedro de

decorados da casa da Fazenda Recreio, com
Hilarião A. da Cunha (nra "Campinas, Mu-
nicipio no Império") 189)

Ulus

Girbal, Narciso Figueroa - Español
trato de Carlos Gomes (Gazete 23-VII-1880
noticia 19-VIII-1880

Gazeta de Campinas ~~7~~ ~~1877~~
nº 1074 de 4-VII-1877

II - "O retrato de ~~Carlos~~ ~~Gomes~~ ^{que} ~~está~~ ^{está} no-
ticia, que está exposto em um belo
quadro na Loja do Sr. Antônio Vozmeira
Ferreira, é produto do hábil artista
hespanhol sr. Narciso Figueiras Girbal"

I "Em São Paulo o artista hespanhol sr. Nar-
ciso Figueiras propôs-se a fazer um retrato
de Carlos Gomes, pelo sistema de
puntiografia. O quadro será de grande for-
mato e vários desenhos alegóricos do seu
ranço, e outras composições musicais
do retratado."

Gobo - Raquel Rodriguez - pintora e escultora
 (filha de Rui Rodriguez) desenhist



ARQUIVO
 Celso Maria de Mello Pupo
 Campinas - SP.

Fazenda Sta Genebra



ARQUIVO
 Celso Maria de Mello Pupo
 Campinas - SP.

"A Mata e o Caminho"

Collecção Annita - Celso Maria de Mello Pupo
 Dimensões: 0,43 X 0,285
 Minuturas: canto baixo, direito

Gobo - Raquel Rodriguez - pintora e esculptora
desenhista
(filha de Ruy Rodriguez)



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Cecília: a pintura como paixão



ro, como também uma infinidade de medalhas e troféus.

Em Campinas fez seu primeiro curso de pintura livre na Pucc com a professora Vanda Rosa, substituída mais tarde pelo artista Aldo Cardarelli. "Em 1974 comecei a participar de exposições coletivas e no ano passado fui premiada no 48º Salão Paulista de Belas Artes, com a obra 'Transparência', ressalta. Também no ano passado Cecília realizou duas exposições individuais em Campinas, a primeira na Biblioteca Municipal e a outra no Banco do Brasil além de uma terceira na cidade de Poços de Caldas.

Apesar de guardar boas recordações do magistério, a vida parece não fazer sentido para Cecília sem as tintas e as telas. Seus olhos brilham quando lembra os ensinamentos de Honorato Faustino de como usar o caderno e a borracha na hora de desenhar. "Eu o considero meu primeiro professor, pois foi quem me abriu o caminho da arte", diz ela.

Após dedicar 30 anos de sua vida ao magistério, desenvolvendo simultaneamente seu lado artístico, a artista acadêmica Cecília de Azevedo Godoy descobriu nas telas sua cara metade e enquanto tiver mãos para manusear os pincéis e olhos para observar seus traços, prosseguirá pintando paisagens, figuras humanas, flores e natureza morta. Aos 70 anos, morando há cerca de 20 em Campinas, Cecília, embora tenha nascido em São Pedro, acredita todo seu entusiasmo pela arte à cidade de Piracicaba, onde fez o curso normal e conheceu seu maior incentivador dr. Honorato Faustino, diretor da escola e quem lhe presenteou o primeiro carvão.

Há quem diga, que o dom da arte de Cecília de Azevedo Godoy foi herdado de sua mãe, entretanto a artista iniciou as primeiras pinceladas em porcelana, passando mais tarde para a tela e o datax. Hoje ostenta cerca de 80 quadros que já foram expostos em várias cidades do estado de São Paulo além do Rio de Janeiro.

"Diário do Povo" 26-X-1986

cajon

Sumiães, João Batista F.

exposição - (cidade 27-VIII-1901

Sebastião Guimarães



Pronto-socorro - Sebastião Guimarães, 61 anos, retoca tela de igreja, atividade que desenvolve desde os 16 anos de idade, quando pintou a Capela do Liceu Salesiano, em Campinas. Ele é um dos raros restauradores de obras de arte que se utilizam de recursos tecnológicos para salvar acervos valiosos e que conservam a magia dos alquimistas da Idade Média. São artistas conhecidos não por suas obras, mas pela habilidade em salvar a pintura de outros.

"Correio Popular" 7-IV-1991

Última página

Ules

Hallage, J.M.

coleção Sta Casa, quadros n^o 24

Óleo de J. M. HALLAGE



Retrato de Dr. Artur de Moraes Jambeiro Costa

Tela de 1926

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

P I N T O R C . H A N O T E A U



Nº 533 - NAPOLEÃO BONAPARTE EM ARCOLE.

Dimensões: alt. 0,23; larg. 0,19.

Material: ^{guache} ~~aquarela~~ sobre cartolina, com moldura.

Exterior: cores do natural.

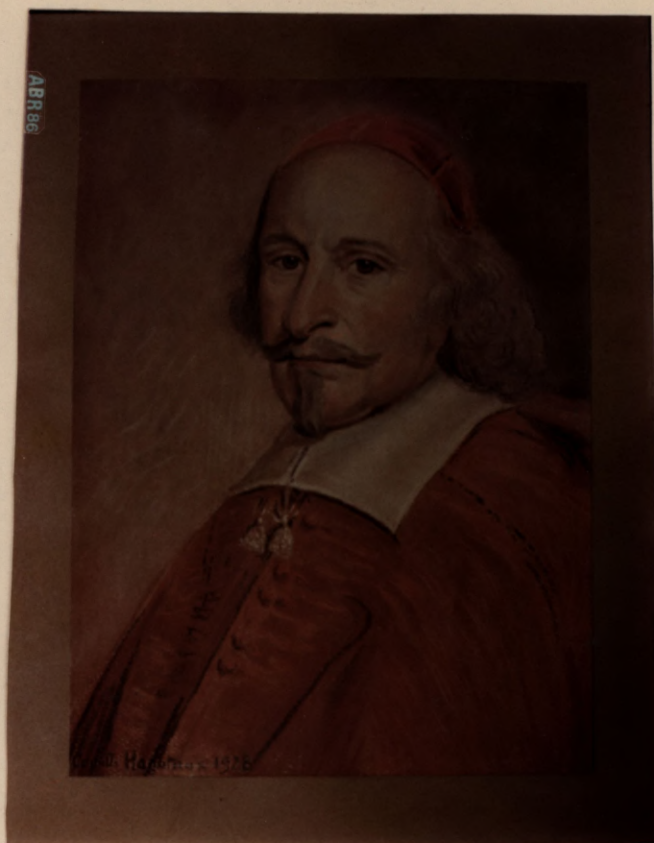
Época: 1927-1928.

Procedência: pertenceu a Dom Paulo de Tarso Campos.

Origem: obra do pintor C. Hanoteau, cópia do quadro de Gros, do Museu de Versalhes - Barão Antônio João Gros, pintor de história, nascido em 1771 e morto em 1835. Deixou obras notáveis como "Pestíferos de Jaffa" "A Batalha de Aboukir", "A Batalha de Eylau"; A Tomada de Madrid", "A Batalha das Pirâmides", "A Batalha de Wagram" (1804-1810). Na cúpula do Panteon pintou as figuras de Clovis, Carlos Magno e São Luís. Foi membro do Instituto de França.

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu:



Nº 534 - CARDEAL JÚLIO MAZARIN.

Dimensões: alt. 0,23; larg. 0,19.

Material: ^{guache} ~~aquarela~~ sobre cartolina,

Exterior: cores do natural, com moldura; rosto de frente.

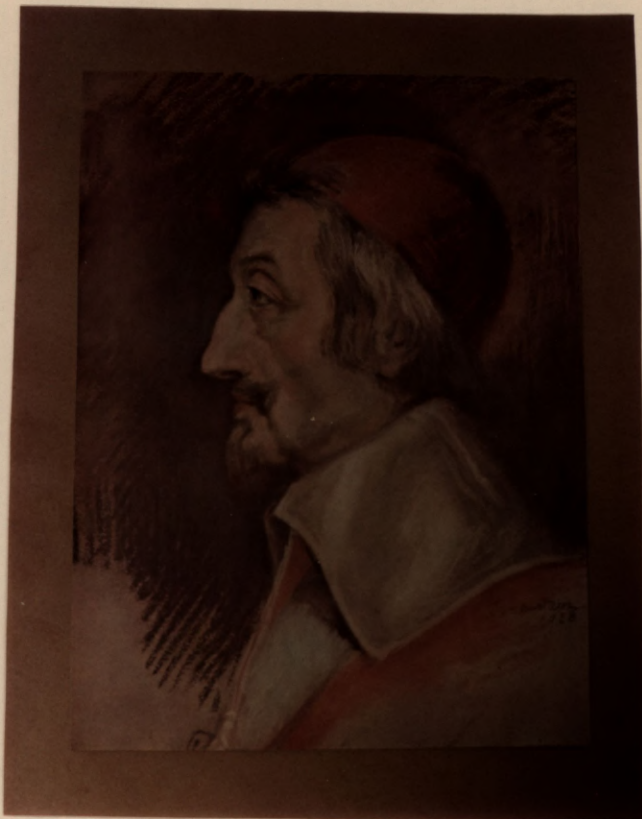
Época: 1928.

Procedência: Pertenceu a Dom paulo de Tarso Campos, 1º Arcebispo de Campinas.

Origem: obra do pintor C. Hanoteau.

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu: Nasceu em Pescina (Abruzzos); não era sacerdote. - 1602-1661 - Faleceu em Paris.



Nº 535 - CARDEAL.

Dimensões: alt. 0,23; larg. 0,19.

Material: *guache* aquarela sobre cartolina

Exterior: rosto de *perfil* ~~fronte~~; cores do natural, com moldura.

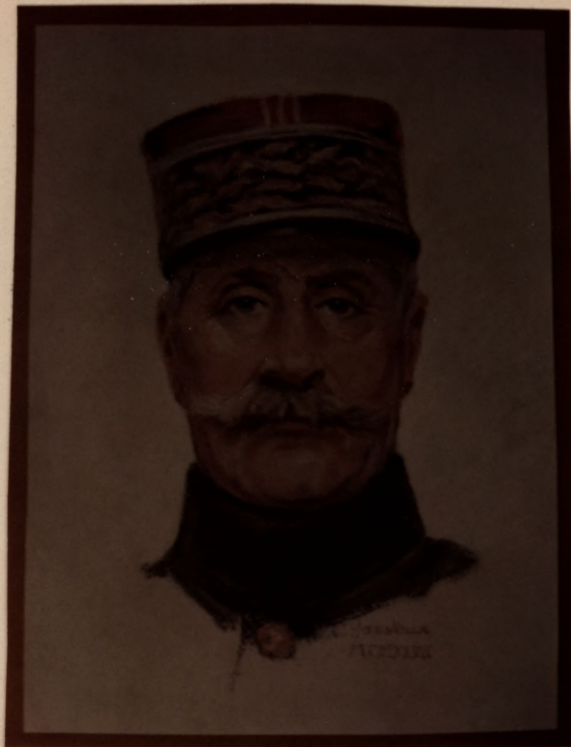
Época: 1928.

Procedência: Pertenceu a Dom Paulo de Tarso Campos, 1º Arcebispo de Campinas.

Origem: obra do pintor C. Hanoteau.

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu:



Nº 536 - MARECHAL DE FRANÇA FERDINAND FOCH.

Dimensões: alt. 0,23; larg. 0,19.

Material: ^{guache}~~aquarela~~ sobre cartolina.

Exterior: cores do natural com moldura.

Época: 1927.

Procedência: Pertenceu a Dom Paulo de Tarso Campos, 1º Arcebispo de Campinas.

Origem: obra do pintor C. Hanoteau.

Ofertante: Dom Paulo de Tarso Campos.

Observações do Museu: O marechal nasceu em Farbes em 1851 e faleceu em Paris em 1929. Herói da guerra de 1914.

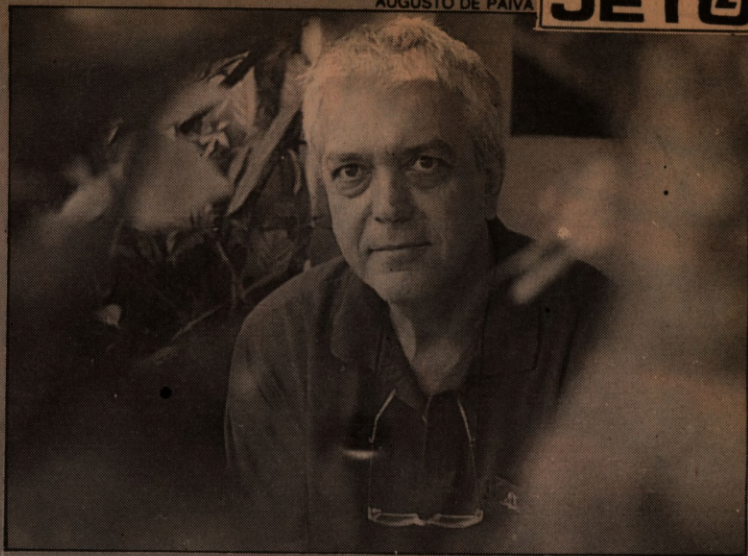
JOSÉ ROBERTO HOFLING

AUGUSTO DE PAIVA

PROJETO
C3
JET 2

Esculturas de grande e médio porte são a especialidade do artista plástico José Roberto Hofling, que estampa a terceira capa do Projeto C3, com a escultura *Mulher Alada*. A obra, esculpida em bronze, adorna o Centro Empresarial do Carmo, no Largo do Rosário. Hofling produz sob encomenda e tem trabalhos espalhados por edifícios e bancos da cidade. Há três anos passou a dedicar-se também à pintura, sob encomenda, de quadros de grande porte.

Hofling conta que nasceu em Rio Claro, estudou em São Paulo e formou-se nas faculdades de Arquitetura e Ciências Sociais. Trabalhou no Masp e no Instituto do Patrimônio Histórico Nacional, há 20 anos, quando decidiu tornar concretas suas aspirações artísticas. Nessa época, era fotógrafo publicitário, atividade que deixou de exercer. Começou esculpindo cerâmica,



Hofling, autor de 'A Mulher Alada', capa do 'Caderno C'

passou para a madeira, até chegar no bronze. Atualmente trabalha com os três materiais. Na pintura, prefere materiais não convencionais, como areia e óxidos naturais.

Apesar de ter sido premiado diversas vezes, O artista raramente expõe. "Não me interessa em expor porque tra-

balho diretamente com o comprador"; explica. Suas principais criações podem ser vistas nos edifícios Saint Peters, Sada Jorge, Guaiacá e no Banco Econômico. Hofling mudou-se para Campinas em 72 e diz considerar-se "integrado à cidade porque foi aqui que desenvolvi meu trabalho".

Fatta biografia
de Norcini

Jesús Ules
Calixto de Benedito ^{n 1853 + 1927} (Teodoro Braga 51) - Landelino 381, 387, 511
Sizenando (Teodoro Braga, 61)

exposicion abierta a 30-VI-1905 (Ciudad 29-VI-1905-11-VII-905)

Revista do Instituto de Estudos Genealógicos
Nº 5 - pag 12

Separata da *Revista de História* N.º 86

VULTOS DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA.

Benedito Calixto (1853-1927).

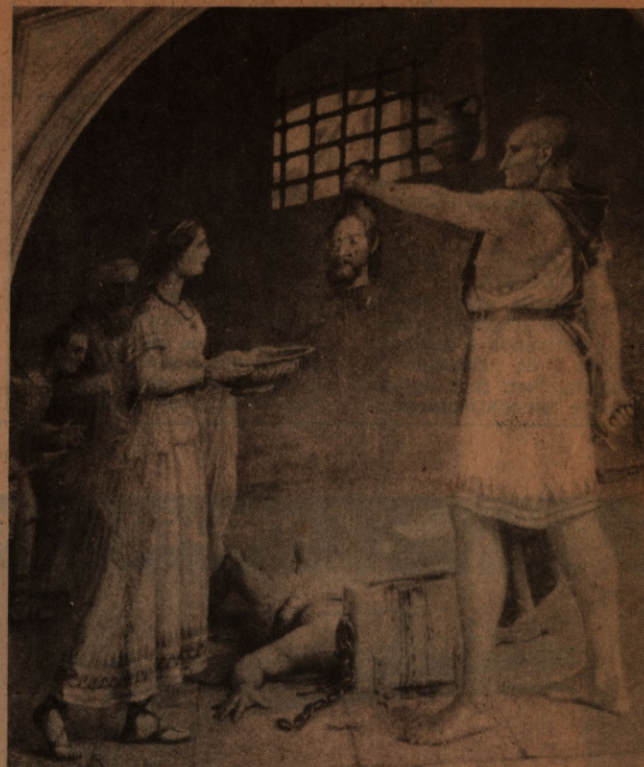
ODILON NOGUEIRA DE MATOS

Do Departamento de História da Faculdade de Filosofia,
Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo e da Universidade Católica de Campinas.

Embora o nome de *Benedito Calixto* esteja mais vinculado à história da arte, como um dos mais divulgados pintores de nosso país, renomado sobretudo por suas telas evocativas de cenas históricas dos primórdios da nacionalidade, parece-nos de justiça recordar que o grande pintor interessou-se também pela História, evocando o passado paulista não apenas nos seus quadros muito divulgados nos manuais de história, mas igualmente em trabalhos de pesquisa, dos quais resultaram diversas monografias, algumas indispensáveis para o conhecimento dos primeiros anos da formação paulista. Nascido na histórica Itanhaen, no litoral paulista, Benedito Calixto começou a dedicar-se à pintura na cidade de Brotas, no interior de São Paulo, onde residiu por algum tempo. Já em 1881 encontrâmo-lo figurando numa exposição de pintura patrocinada pelo jornal *Correio Paulistano*, na capital paulista. Beneficiando-se de uma bolsa que lhe concedeu o Visconde de Vergueiro, seguiu para a Europa, freqüentando a Academia Julien, de Paris. Ali teve como professores Robert Fleury, Gustave Boulanger, Lefèvre e Bouguereau. Retornando ao Brasil, fixou-se primeiramente em Santos e depois em São Paulo, de cuja Escola de Belas Artes foi professor, e onde prestou sua colaboração na pintura de algumas de suas principais igrejas, como as de Santa Cecília, Consolação e Santa Ifigênia. Viveu algum tempo no interior de São Paulo, em Ribeirão Preto e em São João da Bocaina, cujas igrejas, por êle decoradas, abrigam algumas de suas melhores obras no gênero sacro. Seus quadros de evocação histórica do passado paulista podem ser vistos na Pinacoteca do Estado e no Museu Paulista (Ipiranga).



A igreja de São João Batista, em Bocaina, onde estão as últimas telas pintadas por Benedito Calixto.



Uma das telas de Calixto, na igreja de São João Batista, que fazem da paróquia de Bocaina um grande acervo de obras artísticas.

Matriz de Bocaina tem treze telas que Calixto pintou há meio século

As últimas telas do pintor paulista Benedito Calixto estão na Igreja Matriz de São João Batista, em Bocaina, desde 1923, quando o então vigário, padre José Maria Alberto Soares, incumbiu o artista de executar oito quadros alusivos ao padroeiro da cidade. Segundo depoimentos colhidos junto ao cônego José Mendes de Abreu Junior, que assumiu a paróquia na época em que Calixto concluiu sua obra, o artista itanhaense chegou a Bocaina exatamente a 10 de setembro de 1923 e iniciou o trabalho após alguns meses.

Mas há episódios que merecem ser comentados por causa de sua importância histórica, principalmente sabendo-se que, apesar da operosidade do artista, são relativamente poucas as suas obras em templos ou em poder de instituições artísticas. Por ser a de Bocaina uma entre as poucas igrejas contempladas, todos os fatos ligados ao trabalho do artista assumiram alto valor. Um pormenor curioso é que a Igreja Matriz de Jaú, a apenas alguns quilômetros de Bocaina, deixou de ostentar telas de Calixto somente porque — é o que consta — a comissão incumbida de entender-se com o artista deixou de fazê-lo por questões de preço. Imediatamente, o vigário de Bocaina, padre José Maria Alberto Soares, iniciou troca de correspondência com Calixto, enquanto ia rejeitando outras

propostas para a decoração da igreja. Dessa correspondência resultou entre o artista e o sacerdote mútua admiração e sólida amizade, o que facilitou bastante a decisão do primeiro em aceitar o trabalho. O vigário presidia também uma comissão, formada dos srs. Guilherme Francisco da Silva e Bento Ferraz de Almeida Prado. A harmonia entre todas essas pessoas permitiu a Bocaina ser aquinhoadas não com oito, mas com treze originais do pintor.

TELAS COLADAS

Os leigos, ao visitarem a Matriz de São João da Bocaina, podem ter a impressão de que as pinturas de Calixto são afrescos. Contudo, o trabalho não foi executado diretamente na parede. As telas foram afixadas por um processo especial de colagem. Calixto pintava as telas em sua casa, em Santos, e as enviava para a igreja de Bocaina, onde eram coladas à medida que as remessas chegavam. Outro fato que pouca gente conhece é que o artista exigiu a modificação das colunas internas do templo e a preparação adequada das paredes, de forma a preservar as telas de eventuais danos causados pelo tempo. As reformas foram programadas, segundo planta minuciosa feita por um próprio filho do autor, sr. Sizenando Calixto.

Outro acontecimento — este infeliz — marcou também,

anos depois, a obra deixada por Benedito Calixto na pequena cidade do interior. Um incêndio destruiu parte da igreja, atingindo várias telas, e outras sofreram danos parciais pela ação da fumaça e do calor. Uma foi completamente inutilizada, exatamente a alegoria do teto do altar-mor. Reconstituída mais tarde por uma filha do artista, Pedrina (segundo depoimento de outro artista, Emanuel Guedes), a tela continua até hoje muito bonita, mas diferente do conjunto em técnica e colorido. As duas telas laterais do altar também foram danificadas: trata-se da "A caminho de Emaús" e a que fica do lado oposto, "Transfiguração".

Segundo o jornalista José Rafael Toscano, um dos estudiosos da obra de Calixto, que levantou estas informações, "Transfiguração" parece ter sido o quadro mais prejudicado pelo fogo. E acrescenta: "Esta minha observação prende-se ao fato de ter eu encontrado muita dificuldade para divisar, da escada do altar, o nome e a data dessa obra, que, sem perder o efeito de conjunto, apresenta-se com colorido menos intenso, como se uma camada de verniz a tivesse recoberto. Por outro lado, "A caminho de Emaús" traz a assinatura do mestre Calixto e a data de sua execução num preto brilhante e vivo, o que leva a concluir

que o painel tenha sido, também restaurado."

EXIGE CUIDADOS

Uma observação do mesmo jornalista deve ser levada em conta pelas autoridades de Bocaina. Diz José Rafael Toscano que o painel "Jesus no Horto" está sendo danificado pela umidade na parede onde está colocado. "Na última vez que visitei a Matriz de Bocaina — revela — num dia chuvoso, pude constatar enormes manchas escuras a contornar o quadro." E acrescenta: "A tela, em sua metade esquerda, não adere perfeitamente à parede, apresentando elevações e depressões em forma de rugas e traz a sua borda esquerda vertical como que recortada, afastada cerca de cinco centímetros de seu limite normal."

Quanto à arquitetura da igreja, os entendidos, no caso o padre Soares e o próprio jornalista Toscano, afirmam que é renascentista, unindo os três estilos de forma harmoniosa: o gótico, o romano e o grego. Foi nesse ambiente que Benedito Calixto buscou inspiração para as telas de Bocaina. Por isso, o visitante nota imediatamente a harmonia e a afinidade desse ambiente com os quadros. "Alguns detalhes ou formas que não comungavam com a interpretação do artista tiveram que ser modificados" — observa o sr. José Rafael Toscano.

a Reaberta igreja com quadros restaurados de Benedito Calixto

BOCAINA — Os moradores e visitantes de Bocaina, a 330 quilômetros da capital, já podem frequentar novamente a igreja matriz de São João Batista, fechada durante três anos para reformas e restaurações, e assim apreciar os trabalhos do pintor Benedito Calixto — 13 cenas bíblicas executadas nos anos de 1924 e 1925.

A matriz foi reinaugurada ontem, pela manhã, com missa solene celebrada pelo bispo diocesano dom Constantino Amstaldem, de São Carlos, auxiliado pelo vigário José Luiz Ferrari, de Bocaina, e pelo cônego Pedro Branco, da Ordem dos Premonstratenses, de Jaú.

O secretário Cunha Bueno, da Cultura, presente à cerimônia, observou que o exemplo da família Volney Jorge Atalla, tomando a iniciativa de preservar o

patrimônio legado por Benedito Calixto, deveria encontrar mais seguidores no Estado.

CENAS BÍBLICAS

As 13 cenas bíblicas foram pintadas por Benedito Calixto em São Vicente e Itanhaém e concluídas em junho de 1925. O próprio artista revelou, mais tarde, que considera três delas suas melhores obras no gênero: os quadros "Discípulos de Emaús", "Anunciação de Nossa Senhora" e "Salomê recebendo a cabeça de São João Batista".

Essas séries de quadros foram tombados pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico do Estado (Condephaat) em 1956, mas mesmo assim estavam se deteriorando devido à humidade das paredes do templo. Sua restauração foi executada dentro das mais modernas técnicas e estiveram a cargo de Renato Magalhães Govea — Escritório de Arte, de São Paulo, que coordenou uma equipe integrada por especialistas de seis nacionalidades.

ner fala
lano

Bocaina recupera a arte de Benedito Calixto

LIGIA SANCHES
Enviada especial

BOCAINA — A Igreja Matriz de São João Batista se destaca no centro da pequena cidade de Bocaina, a 330 km de São Paulo onde, nesta época quente do ano, seus habitantes podem dormir de janelas abertas, confiantes na tranquilidade que impera desde seu surgimento, no século passado. Recém-reformada e restaurada, a matriz guarda, nas 13 cenas bíblicas de Benedito Calixto, pintadas entre 1924 e 1925, um pouco do patrimônio histórico e artístico nacional.

Benedito Calixto de Jesus nasceu em Itanhaém em 1853, começou a expor aos 18 anos e radicou-se em Santos, onde fez a decoração do Teatro Guarani. Esteve em Paris de 1883 a 1885, estudando com Gustave Boulanger, Robert Fleury e Jules Lefébvre. Na volta fixou-se em São Vicente. Começou aí sua fase de marinhas, seguida da pintura histórica e religiosa. Calixto, que formava com Pedro Alexandrino e Oscar Pereira o trio de paulistas que produziram artes plásticas na passagem do século 19 para 20, foi para Bocaina na década de 20. Lá, seu filho Sizenando Calixto, arquiteto, cuidou da primeira reforma da matriz (construída entre 1907 e 1910), e o pai foi convidado a pintar os painéis bíblicos.

As telas de Calixto, tombadas pelo Condephaat desde 1956, são: "Salomé Recebe a Cabeça de São João Batista", "Maria e Isabel", "Assunção de Nossa Senhora", "São Paulo", "Discípulos de Emaús", "Transfiguração", "São Pedro", "Deposição de Jesus Cristo", "Cristo no Monte das Oliveiras", "Aparição do Anjo a Zacarias", "São João Batista com Herodes" e "Batismo de Cristo". Como a igreja que as abriga, as telas estavam, até três anos atrás, manchadas e deterioradas pela ação do tempo e principalmente das águas da chuva.

A restauração dessas obras foi feita pelo Escritório de Arte de Renato Magalhães Gouvêa. Ao apresentar o orçamento de Cr\$ 220 mil por seis meses de trabalho (para o Grupo Atalla, que se responsabilizou pelas despesas), ele não previu que a restauração se estendesse por tanto tempo nem que absorvesse quase Cr\$ 5 milhões. E isso aconteceu porque a construção, em péssimas condições, teve seu madeiramento do teto trocado, caso contrário seria inútil recuperar os quadros, que continuariam recebendo umidade.

— Foi difícil concatenar a restauração com as reformas da igreja e houve até interrupção do trabalho, lembra Renato. Financeiramente, tivemos um prejuízo imenso, mas é interessante ressaltar não apenas que fomos até o fim, mas também que Jorge



Mofo e umidade quase destruíram a igreja

Atalla, mesmo com todos os problemas e gastos, não desistiu e arcou com tudo. Acho que isso tem que servir de exemplo aos particulares, porque o Patrimônio dispõe de uma verba pequena para arcar com todos os trabalhos que devem ser feitos. Bocaina, por exemplo, é uma cidade paupérrima, e estava com a igreja em péssimo estado, a exemplo de dezenas de outros locais históricos.

Os quadros e afrescos foram restaurados por uma equipe formada pelo italiano Marino Cardini, o polonês Wleciek Mitka, o suíço Thomas Christian Brixia (do Instituto Suíço para o Estudo da Arte), o brasileiro Astrogildo Carrado Caversani e o inglês Gunther Rotgier, além de Conrado Sorgenicht, na recuperação dos vitrais.

As telas, que variam em tamanho de 1,80 x 0,80 m a 2,30 x 1,75 m até 2,30 x 1,95 m, se fossem avaliadas hoje, custariam mais de Cr\$ 2 milhões cada. Renato Magalhães diz que uma tela de Calixto, de 0,60 x 0,80m, vale de Cr\$ 1 a Cr\$ 1,5 milhão, o que dá idéia da riqueza da série da matriz de Bocaina.

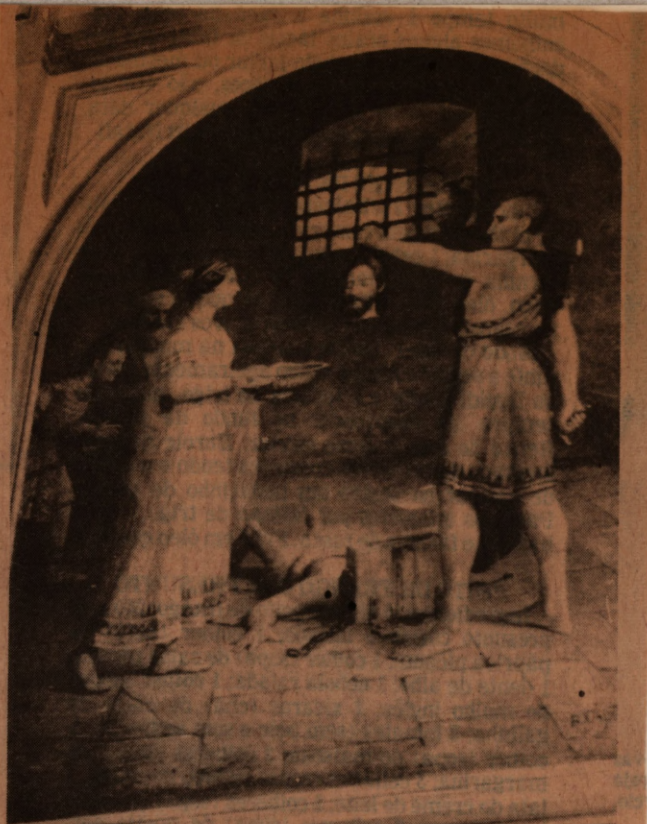
O maior problema encontrado pelos restauradores, de modo geral, foi o craquelê (detalhes com a camada pictórica solta), além de abaulamentos por colagem inadequada, rasgos e manchas. Os "consertos", feitos a óleo, após a limpeza a bisturi e fixação dos rasgos, encerraram-se com envernizamento. A restauração do teto, que também levou tempo, foi feita com têmpera, e a pintura exterior, a cargo de outra equipe, realizou-se com instruções do pessoal da "Renato Gouvêa".

A reinauguração da matriz de Bocaina, que aconteceu no sábado passado, foi acompanhada de duas outras inaugurações: um busto do libanês Pedro Izar, ascendente de Jorge Atalla, que fixou-se na cidade em 1895, e outro do Cônego José Mendes de Abreu Júnior, nascido em 1882. As duas obras são, respectivamente, de Sérgio Bertoni, que trabalhou em concreto e bronze, e P.G.Ermi, em areia do mar.

ARQUIVO

Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



PRÆCEPTUM ATQUE
IN DISCO
SUI SPIRITUALIS
CARITATIS

"Salomé" era uma das telas preferidas do pintor.



A pequena matriz guarda uma riqueza incalculável: cenas bíblicas de Benedito Calixto.



Uma tela como esta, segundo os avaliadores, custaria hoje mais de Cr\$ 2 milhões.

ITANHAÉM

Cultuada memória de B. Calixto

Com a colaboração da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, e promoção da Câmara Municipal, Itanhaém reverenciou mais uma vez a memória de seu ilustre filho, Benedito Calixto, pintor dos mais notáveis que São Paulo deu ao Brasil, encontrando-se os seus trabalhos em museus e pinacotecas, templos e escolas, edifícios públicos e palácios.

No Estado existem telas suas nas igrejas de Ribeirão Preto, Bocaina, Catanduva, na Catedral e na Igreja do Carmo, em Santos, na igreja de Itanhaém e na de Santa Cecília.

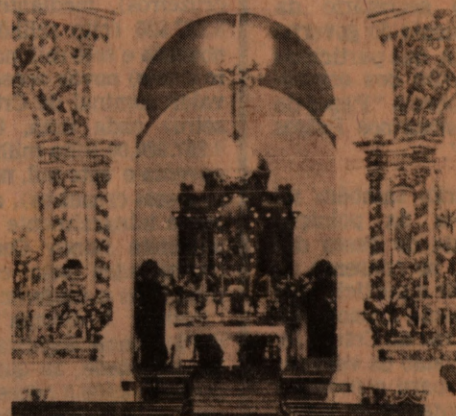
Como historiador e pesquisador, Benedito Calixto publicou "A Vila de Itanhaém", "Capitanias Paulistas", "A Igreja e o Convento de N.S. da Conceição de Itanhaém", "A Capitania de Itanhaém" e, ainda, "O Padre Bartolomeu de Gusmão, o Voador, e sua Época".

A Semana Benedito Calixto, encerrada pelo secretário Max Feffer, da Cultura, Ciências e Tecnologia, teve como ponto alto a entrega ao povo da restauração da igreja matriz de Santana, fundada em 1761. Ao ato estiveram presentes, também, o prefeito Orlando Bifulco Sobrinho, o presidente da Câmara Municipal e da Comissão da Semana Benedito Calixto, sr. Roberto Bernardi, o sr. Rui de Azevedo Marques, do Condephaat e sr. Orlando Intrieri, representante do prefeito de São Vicente.

CONCURSO

Cr\$ 160 mil em prêmios serão oferecidos a fotógrafos profissionais e amadores, num concurso que tem como principal finalidade a defesa do patrimônio ambiental das cidades paulistas. O concurso será lançado hoje pelas Secretarias de Cultura, Ciência e Tecnologia e de Economia e

Planejamento, denominando-se "A cidade também é sua casa". As inscrições já estão abertas no Museu da Imagem e do Som (av. Europa, 158, Capital), nas delegacias regionais da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia e nos diversos escritórios da Secretaria de Economia e Planejamento, onde os interessados podem obter informações completas. A renovação ambiental e estrutural intensa dos núcleos urbanos pode muitas vezes transformar completamente uma cidade "numa outra cidade". "Fotografando ruas, parques, bairros ou acidentes geográficos, cada um poderá fixar para o futuro toda uma identidade histórica, cultura, estética, social e até afetiva de sua região" — diz o comunicado da Secretaria de Cultura, Ciência e Tecnologia, ao informar sobre o lançamento do concurso, cujas inscrições se encerram a 31 de janeiro do próximo ano.



Aspecto da arte de Benedito Calixto numa das numerosas igrejas do Estado que possuem obras suas

FOLHA DE SÃO PAULO - julho de 1977

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



O prédio com painéis de Benedito Calixto, em São Carlos, não poderá ser recuperado.

Obras de Calixto em perigo

SÃO CARLOS-(Do correspondente) — O grupo de trabalho constituído pela Prefeitura Municipal de São Carlos, para deliberar sobre a preservação das obras de arte do antigo Palácio Episcopal, concluiu pela inviabilidade de se recuperar aquele prédio, hoje em ruínas, mas decidiu salvar os quadros pintados em suas paredes, no ano de 1.910, pelo artista Benedito Calixto.

Foi sugerida a aplicação de métodos técnicos de congelamento para ejeção das paredes e remoção dos quadros para outro local. A idéia consiste em retirar as obras, juntamente com as paredes, usando-as técnica aprimorada, a fim de se evitar a danificação do acervo.

Dentre os quadros pintados por Benedito Calixto está "O Frade", um capuchinho sentado à beira de uma sacada que, visto a olho nu, mais se parece com pessoa viva, devido à perfeição e técnica artísticas.



Existe uma sugestão para aplicar um método especial de congelamento das paredes.

Falha de São Paulo -

18-VII-1978

ITANHAEM DE OUTRORA

Benedito Calixto de Jesus, sua vida e suas obras — Ascendência paterna (continuação) —
A tela "Fundação de São Vicente" — Haverá possibilidade da transladação dos restos mortais do insigne pintor, do Paquetá para um mausoléu em sua terra natal?
LXXXVIII — EDISON T. AZEVEDO



ENTRONCAMENTO COM OS FAJARDOS, VIEIRAS-MACHADOS E MACIEIS

FLORENCIO ALVARES DE ARAUJO nasceu na Vila de Conceição de Itanhaem, filho de Frederico Lopes de Gusmão e Isabel Vieira Pedroso, tendo exercido as funções de Tenente de Milícias. Era casado com

TERESA DE JESUS FAJARDO, natural de Itanhaem, filha de Pedro Jacome Fajardo, natural de São Paulo, e de Maria Jorge de Castro; neta paterna de Pedro Jacome Vieira e Maria da Silva, naturais de São Paulo; neta paterna de Pedro Dias (português) que foi leigo jesuita, e, dispensado, casou-se, primeiro com a índia Terebê, filha de Tibiricá. Sua segunda mulher foi Antônia Gomes da Silva; Teresa era bisneta de Domingos Machado Jacome e Catarina de Barros Fajardo.

O tte Florencio Alvares de Araujo e sua mulher, Teresa de Jesus Fajardo, tiveram os seguintes filhos: Cláudio Alvares de Araujo, tte., casado com Ana Maria do Espírito Santo, com geração em Itanhaem; Domingos, sem mais notícias; Antônio Pedro de Gusmão, cuja geração extinguiu-se; Filipa Maria de Jesus, casada com Manoel José Ferreira, português, e que tiveram, entre outros filhos, o padre João Batista Ferreira, Vigário Colado de Paranaíba, Provincial dos Franciscanos, no Rio de Janeiro; Pedro Jacome Fajardo, casado com Maria Jorge; Tomaz Alvares de Araujo, casado, com geração; Maria de Araujo, casada com Pedro Joaquim da Silva; Genebra de Araujo; Teresa de Jesus.

PEDRO JACOME FAJARDO, natural da Vila de Conceição de Itanhaem, batizado a 9 de junho de 1777; neto paterno de Frederico Lopes de Gusmão e sua mulher, Isabel Vieira Pedroso, ambos de Itanhaem; neto materno de Pedro Jacome Fajardo e sua mulher, Maria Jorge (de Castro). Tomou os apelidos de seu avô paterno. Casou-se com sua prima, Maria Jorge Fajardo, tendo um filho, João Pedro de Jesus, casado com Ana Gerturdes Soares.

JOÃO PEDRO DE JESUS, nascido em Itanhaem, onde foi morador e católico fervoroso, preferiu aos nobres apelidos de seus antepassados o nome sacrossanto do Divino Salvador. Embora vivendo modestamente, gozou, entre seus conterrâneos, de muita consideração e respeito, devido às suas qualidades pessoais e antigo prestígio de sua família. Casou-se em Itanhaem, com Ana Gerturdes Soares, filha de Francisco Mariano Soares, de Itanhaem, e Maria Firmina de Meira, dos Meiras de Angra dos Reis e Parati. Tiveram os seguintes filhos, todos nascidos em Itanhaem: João Pedro de Jesus, casado, em Brotas, com Júlia do Amaral; com geração; Maria Isabel, casada com Abraão Miller; com geração; Isabel Maria, casada com Antônio Paulino dos Santos, com geração; Benedito Calixto de Jesus,

casado com Antônia Leopoldina de Araujo, com geração; Joaquim, falecido, solteiro; Antônio Pedro de Jesus, casado em Brotas, com Francisca Lopes, com geração; Joaquim Pedro de Jesus, casado em Brotas, com Maria de Oliveira, com geração; Amélia, solteira.

BENEDITO CALIXTO DE JESUS, nasceu a 14 de outubro de 1853, na Vila de Conceição de Itanhaem, tendo falecido em São Paulo, em 31 de maio de 1927. Foi sepultado em jazigo perpétuo, oferecido pela Municipalidade de Santos, no cemitério do Paquetá. Casou-se em Itanhaem, a 14 de maio de 1877, com sua prima, Antônia Leopoldina de Araujo (filha de Leopoldino de Araujo e Maria Rita de Oliveira) que, ainda com os seus 85 anos, residia em

São Paulo, com sua filha mais velha, Fantina; Benedito Calixto de Jesus e sua mulher, tiveram os seguintes filhos: Fantina Calixto de Jesus, Sizenando Calixto de Jesus e Pedrina Calixto de Jesus. Viveu muitos anos em São Vicente, onde construiu casa e pintou várias telas.

FANTINA CALIXTO DE JESUS casou-se com seu primo-irmão João Pedro de Jesus Neto (filho de João Pedro de Jesus, que foi, em Santos, gerente do Banco Mercantil e tabelião, e de Júlia do Amaral). Tiveram os seguintes filhos: Benedito Calixto de Jesus Neto, arquiteto (está construindo a Basilica de N. S. Aparecida), casado com Maria da Glória Leopoldo e Silva, filha de Quintiliano Leopoldo e Silva e Ramira Hummel; sobrinha do saudoso D. Duarte Leopoldo e Silva, ilustre e benemérito Arcebispo Metropolitano de São Paulo e Conde Romano. Esse casal teve os seguintes filhos: Marta Maria, Pedro Quintiliano, Luiz Eduardo, Maria Júlia de Jesus (filha do casal João Pedro-Fantina), casada com Roberto de Sousa Aranha Três-Rios (filho de Lafete Egidio de Sousa Aranha e Julieta Penteado; neto paterno do comendador Carlos Egidio de Sousa Aranha e Maria Angela de Moraes Bueno; bisneto de Joaquim Egidio de Sousa, marquês de Três-Rios e sua primeira mulher, Ana Cecília da Silva; com os seguintes filhos: Maria Aparecida e José Pedro, residentes na capital. José Alberto de Jesus (filho do casal João Pedro-Fantina), falecido, foi casado com Lúcia Tavares Adelino, de São Paulo (filha de Francisco Adelino, natural de Portugal, e Adelaide Tavares, de Campinas); deixou um filho: Francisco José.

SIZENANDO CALIXTO DE JESUS, alto funcionário aposentado da Prefeitura Municipal de São Paulo, pintou várias telas e executou importantes desenhos, casou-se com sua prima-irmã Júlia do Amaral Jesus (falecida, filha de João Pedro de

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Jesus e Júlia do Amaral). Tiveram os seguintes filhos: Gilda, falecida; Ione Maria, Ailton Geraldo, João Batista, José Gilberto (falecido) e José Carlos.

PEDRINA CALIXTO DE JESUS, pintora, exerceu o cargo de professora de pintura e desenho no Liceu Feminino, casou-se com Fausto Nunes Henriques, natural de Portugal, residindo atualmente no Rio de Janeiro. Sem geração.

POSSIBILIDADE DA TRANSLADAÇÃO DOS RESTOS MORTAIS DE BENEDITO CALIXTO

Vamos avivar palpitante assunto que, para sua concretização muito depende da irmanada boa vontade das autoridades itanhaenses e da família do saudoso artista, ainda, com o empenho incondicional dos Institutos Históricos e Geográficos, do Serviço do Patrimônio Histórico Nacional e da Prefeitura Municipal de Santos, que cedeu a campa perpétua.

Em maio de 1952, ouvimos falar que Itanhaem, aproveitando a ocasião da data do Centenário do Nascimento de Benedito Calixto (1953), reivindicaria a transladação das suas cinzas para um mausoléu que seria construído especialmente para esse fim, no campo santo da localidade, onde repousam também os restos mortais dos seus parentes, amigos e conterrâneos.

Não mais se falou no assunto, parecendo que a idéia foi abandonada. Voltamos hoje a indagar se existe ou não a possibilidade de tal cometimento, pois embora Calixto não pudesse deixar manifestava sua última vontade, acreditamos que desejaria, após o sono eterno, repousar na terra que lhe serviu de berço.

A casa em que Calixto nasceu não mais existe em Itanhaem. Foi vendida e modificada, não existindo sequer uma placa descritiva sobre o acontecimento.

— No clichê, a célebre tela "Fundação de São Vicente", de Calixto, conservada no Museu Paulista, que será objeto do nosso próximo capítulo.

Memória



IGREJA TEM PINTURAS DE CALIXTO

Construída ao lado da Igreja da Ordem Primeira, a Igreja da Ordem Terceira do Carmo, em Santos (65 km a sudeste de São Paulo), foi iniciada em 1752 e concluída em 1760. Tombada pela Sphan em 1940, destacam-se na igreja os trabalhos

de cantaria dos capitéis, dos batentes e vergas das portas, além de pinturas de Benedito Calixto. O edifício foi restaurado entre 1945 e 1946, após sofrer um incêndio em 1941, que atingiu sua capela-mor.

"Folha de São Paulo" 19-V-1988

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Barra de Santos.



Os Alcatrazes. Quadro de S. Calixto.

Santa em obras No. 121



"Paisagem" 48X75 ano de 1896.

Catálogo de "Salões de Arte", venda nº 12 de
Renato Magalhães Gouvea.

Óleo de BENEDITO CALIXTO DE JESUS



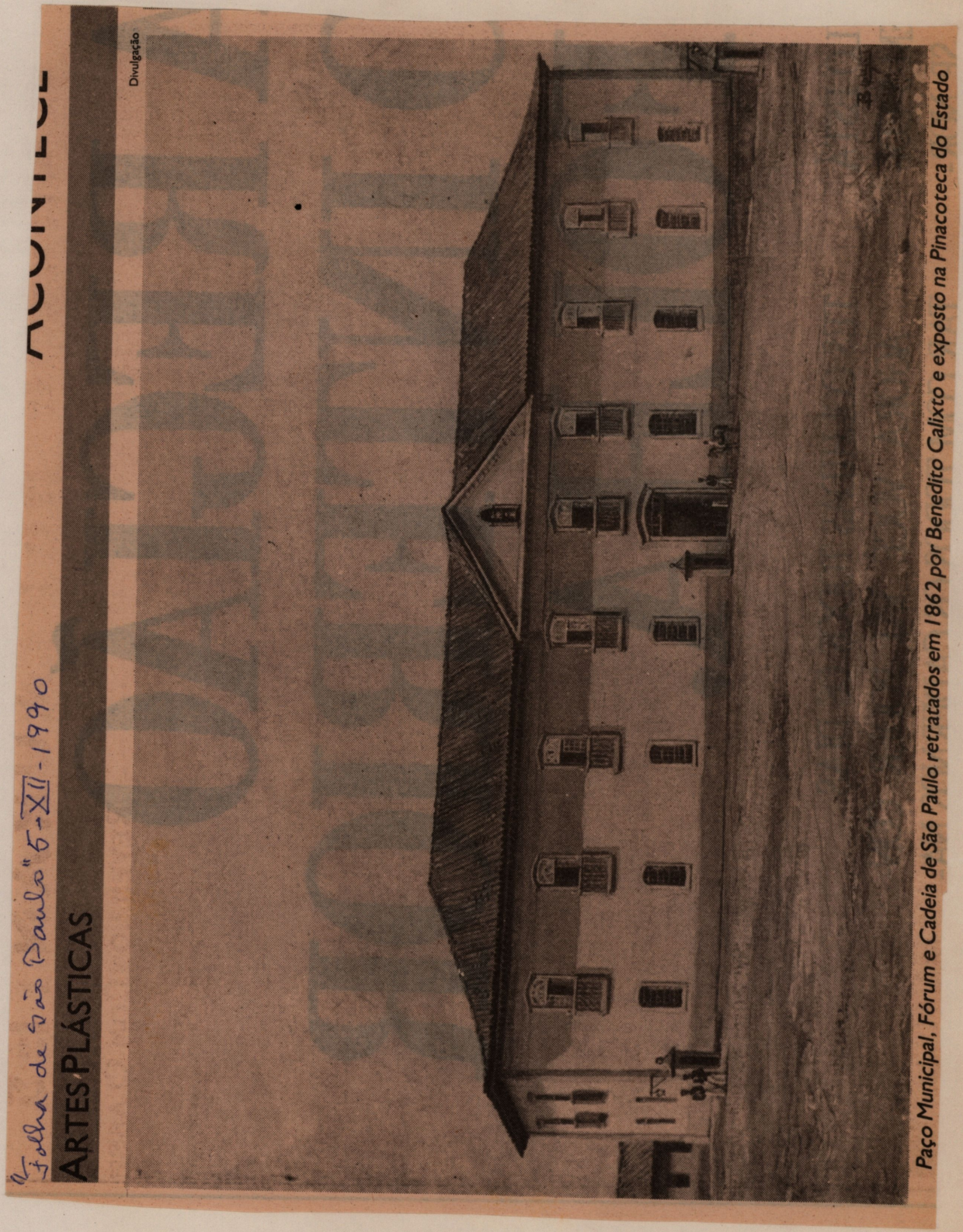
"Baía de São Vicente"

Tela de

Coleção do Museu de Belas Artes - São Paulo

Benedito Calixto de Jesus

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.



Folha de São Paulo 5-XII-1990

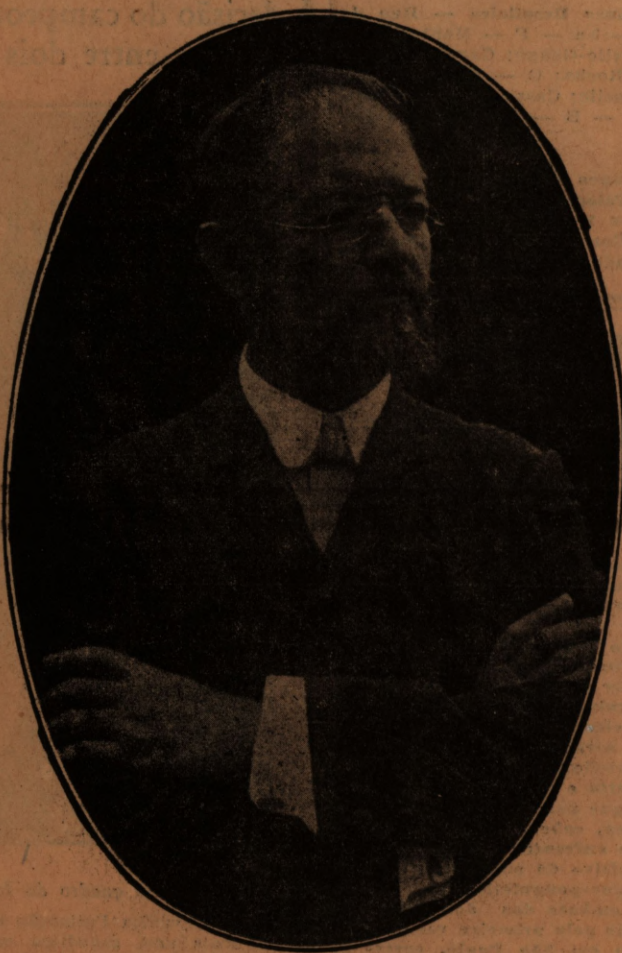
ARTES PLÁSTICAS

Divulgação

Paço Municipal, Fórum e Cadeia de São Paulo retratados em 1862 por Benedito Calixto e exposto na Pinacoteca do Estado

"A Gazeta" de São Paulo

João Pedro de Jesus



Souza Mello

FALLECIMENTOS

"O Estado" 9-XI-1932

JOÃO PEDRO DE JESUS — Falleceu hontem, em Santos, o sr. João Pedro de Jesus, que sob o pseudonymo Jorge Mello muito collaborou na imprensa do Estado, escrevendo sobre finanças e café.

O extinto era irmão do pintor Benedicto Calixto, já fallecido e deixa os seguintes filhos: engenheiro João Pedro de Jesus Netto, Alcides de Jesus, d. Rita de Jesus Pamplona, Julia de Jesus Calixto e Sebastiana de Jesus Patuska; 25 netos e 3 bisnetos.

O sepultamento verificou-se hontem, ás 17 horas, sahindo o feretro da avenida Bernardino de Campos, 630.

Na avançada idade de 85 annos acaba de fallecer na vizinha cidade de Santos o sr. João Pedro de Jesus, nosso antigo collaborador.

O extinto, que era irmão do pintor Benedicto Calixto, já fallecido, descendia de uma das mais conceituadas e antigas familias do littoral paulista.

No momento em que São Paulo soffre

notaveis transformações na base da sua economia, o café, que se vê a braços com uma das maiores crises de que ha memoria, adquire singular relevo a biographia do cidadão cuja vida foi, emquanto lh'o permittiu o vigor dos annos, um vivo e acceso combate em prol da lavoura.

Sob o pseudonymo de Jorge Mello, o extinto de hoje escreveu durante annos seguidos esclarecedores artigos em que debatia, com um minucioso conhecimento da materia, os problemas relativos á lavoura cafeeira. Dentro em pouco, á numerosa classe dos cafeeicultores se tornavam familiares os escriptos do seu incançavel defensor. Ainda que lhe faltassem os fulgores de estylo dos profissionais das lettras, em Jorge Mello havia alguma cousa de mais importante, a substancia, o conhecimento do assumpto, jogando com os algarismos e dados, ferindo fundo as questões que lhe eram apresentadas.

E foi por isso que a lavoura cafeeira de São Paulo reconheceu logo no incançavel batalhador um interprete es-

clarecido de suas aspirações, um estudioso honesto dos problemas que a vêm affligindo.

"A Gazeta", que acolheu os primeiros escriptos de Jorge Mello e o encorajou para que proseguisse no labor em que revelara especiaes aptidões, vencendo-lhe o retrahimento e a modestia, registra com profundo pesar a morte do seu antigo collaborador.

Estamos certos de que ás homenagens que lhe hão de ser prestadas se juntarão as da lavoura cafeeira, que muito deve á intelligencia do homem cuja morte acaba de occorrer na cidade de Santos.

— João Pedro de Jesus expirou na residencia de seu genro Sisino Patuska, á avenida Bernardino de Campos, em Santos.

Deixa viuva d. Julia do Amaral Jesus e os seguintes filhos: Alcides, casado com Luzia Franco de Jesus; Antonio Pedro de Jesus Sobrinho, já fallecido; Rita, casada com David Pamplona; Julia Jesus Calixto, fallecida, casada com Sizenando Calixto; Sebastiana Jesus Patuska, casada com Sisino Patuska; João Pedro Jesus Netto, casado com Francina Jesus Netto.

Era irmão do pintor Benedicto Calixto, já fallecido. Deixa 25 nettos e 3 bisnetos.

O enterro sahirá hoje, ás 17 horas, da avenida Bernardino de Campos, 630, para o cemiterio do Paquetá.

As muitas facetas do artista Geraldo Jurgensen

Arquiteto, paisagista, decorador, músico, figurinista e joalheiro, escultor, pintor. Neste vasto currículo o multi-artista Geraldo Jurgensen agora insere mais uma qualificação: produtor teatral. Desde março, Jurgensen está produzindo um espetáculo teatral infantil com novas concepções cenográficas e cênicas, em conjunto com o ator Luiz Humberto Siqueira, um artista que faz desde mágicas até a personificação de um cantor mexicano.

De acordo com Jurgensen, sua inquietude sempre o levou a

se enveredar por vários caminhos, testando as possibilidades de todos. Com o espetáculo "Feche os olhos e diga assim: blim blim", a visão peculiar do artista começa pelo cenário, item pelo qual ele também é responsável. Trata-se de um biombo giratório, composto de três faces, ou três cenários para cada parte do espetáculo. Além disso, este cenário pode ser montado ou des-

montado em 15 minutos e pode ser transportado com facilidade dentro de um automóvel, o que o torna ideal para shows em residências, festinhas de criança, hotéis etc.

O espetáculo em si é criado e apresentado por Luiz Humberto Siqueira, que faz as vezes de mágico, palhaço, cantor mexicano, adivinho e mímico. Segundo o artista, pode ter a duração que for solicitada e podem ser inseridos vários personagens, de acordo com o gosto do cliente ou a ocasião. Todas as modificações desse tipo são feitas praticamente na hora, na base do improviso.

Segundo Luiz Siqueira, outro detalhe importante é o nível de participação das crianças da plateia. Na parte da mímica ou do palhaço, por exemplo, a participação das crianças é na sonoplastia vocal: se ele simula estar dirigindo um carro, a plateia faz o som de um automóvel.

Ateliê

Uma vez Geraldo Jurgensen foi perguntado sobre qual sonho restava realizar em sua vida. A resposta foi um projeto prevendo a construção de um teatro-museu, ateliê com quase mil metros quadrados de área construída. Essa obra, além de uma parte destinada à residência do artista, conteria áreas de oficina e ateliê e um espaço principal que poderia ser usado de várias maneiras, como local de exposições ou teatro, por exemplo.

Para a obra, Jurgensen contará com patrocinadores e os consequentes benefícios da Lei Sar-

que os
nos e feticções
aflicções. A
Glenka Teixeira de
esposa do
médico dr. Zene
Camargo, contará
indolente cercada
de familiares e
sobrinha, a visita
a Maria Banzatti
secretária da
Família da...

ney. Com a sua morte esse espaço cultural será transformado em fundação. Por ora, já existe a planta de um ante-projeto, de autoria da arquiteta Maria Rita de Paula, e um terreno no Jardim das Palmeiras, próximo ao Shopping Iguatemi.

Durante recente festa da Rádio Cent
Fernanda Quercia Soares e o ator/cantor

A sra. Glizela Pranhaz
Teixeira Penicada, viúva do

Pa

exp
am

to quando sra. Pia Martins, ladeada deste voluntário
relucto social. Amanhã, d. Pia vai receber o
recre folhinha

Geraldo Jungersen

morre aos 66 anos

Depoimentos

□ **J. Toledo (artista plástico e escritor):** "A visão generosa e extremamente ingênua de Geraldo, gerou uma empatia que nos levou a cultivar uma amizade de quase três décadas. Não fosse só isso, restaria ainda a magia e a exuberância de sua sensibilidade de artista que, em tudo que tocava, transformava na arte e no belo, combustíveis energéticos indispensáveis à sua sobrevivência existencial".

□ **Thomaz Perina (artista plástico):** "Geraldo Jungersen foi um dos expoentes da arte campineira. Versátil, foi criativo em todas as áreas em que atuou: na cenografia, na criação de jóias, na arquitetura, na pintura. Um artista realmente inovador. Além de um grande amigo. É a perda lamentável de um artista que só deixa exemplos atrás de si".

□ **Francisco Biojone (artista plástico):** "Uma perda irreparável, difícil de ser

aceita, pois Geraldo Jungersen é parte importante da história da arte em Campinas. Foram mais de 40 anos de trabalho, uma vida inteira. Se Campinas não assumir que tem uma responsabilidade com a obra dele, será como deixá-lo morrer outra vez".

□ **Mário Bueno (artista plástico):** "Geraldo Jungersen foi um artista brilhante e competente. Eu me lembro das informações novas que ele trouxe do Rio de Janeiro quando veio para Campinas e que compartilhou com os jovens que viriam a formar o Grupo Vanguarda. Uma pessoa que será sempre lembrada".

□ **Luiz Curi (secretário municipal de Cultura):** "Sob qualquer aspecto a morte de Geraldo Jungersen é mais que lamentável. Perde a cidade um de seus artistas mais talentosos, perde as artes um irriquieto criador que não viu fronteiras para se expressar. E perdemos todos um ser humano sensível e

grandioso. Mas, sem dúvida, sua arte permanecerá para sempre como testemunho de seu talento".

□ **Patrícia Henriques (marchande):** "Quando imagino a vida sem Geraldo, me sinto profundamente vazia e triste. Meu mundo ficou sem um grande amigo e companheiro e o mundo perdeu um grande artista. Meu consolo é que, embora ele se vá em plena atividade produtiva, nos deixou Ícaros, ETs, vasos com flores, sereias grávidas e deliciosas histórias de sua existência para nos fazer companhia".

□ **Magalhães Teixeira (prefeito de Campinas):** "Nossa cidade perde um grande artista e eu perco um grande amigo. Geraldo Jungersen haverá sempre de ser lembrado pelas suas qualidades humanas e por sua arte inigualável. Agora, cabe a nós a missão de perpetuar sua lembrança e sua obra".

O artista plástico Geraldo Jungersen morreu na madrugada de ontem aos 66 anos, vítima de infecção pulmonar. Ele foi enterrado ontem às 17h no Cemitério da Saudade.

Geraldo Jungersen foi um dos fundadores do Grupo Vanguarda de Campinas, em 1958. O manifesto do grupo deixava claro que o grupo tinha como objetivo renovar as artes campineiras, fazendo um contraponto ao estado de letargia em que se encontravam: (...) "Contra a cultura de almanaque, contra a crítica à moda blackwood, cumpre livrar a arte do misticismo inoculado pelos medalhões..." Além de Geraldo, assinavam o manifesto Alberto A. Heinzl, Alfredo Procaccio, Edoardo Belgrado, Franco Sacchi, Geraldo de Souza, Maria Helena Motta Paes, Mário Bueno, Raul Porto e Thomaz Perina.

Nascido em Campinas em 1927, Jungersen iniciou-se na pintura com aquarelas impressionistas. Fez arquitetura no Rio de Janeiro onde entrou em contato com novas idéias sobre a arte. Sua volta a Campinas aconteceu em 1957 e logo ao chegar, procurou reunir os artistas que praticavam a "arte modernista", o que pode ser considerado o embrião do Grupo Vanguarda.

Sua participação no grupo foi inicialmente com esculturas, passando depois por um período curto de desenhos. Em 1962 ganhou o Prêmio Governador do Estado com uma escultura em tela de arame em formas vazadas. Seu temperamento inquieto levou-o a explorar inúmeras atividades como arquitetura, esculturas em arame, em sucatas de ferro, tapeçarias de retalhos de couro, jóias em sucatas de ferro, objetos de acrílico com comandos eletrônicos, tapeçaria transparente, esculturas em lâminas de aço inoxidável e cerâmica.

Segundo o Alberto Amêndola Heinzl, um dos participantes do Grupo Vanguarda, num texto produzido em dezembro de 1975 para um calendário promocional de uma empresa, "o que realmente Geraldo Jungersen pretende é expressar intuitivamente, aproveitando os elementos colhidos através de sua experiência, a posse do espaço pelo movimento. Os processos dinâmicos se correlacionam e dão origem à forma final: um ponto material que pode ser considerado como a idéia, se desloca no espaço seguindo uma trajetória determinada por uma concepção inicial que não prevê o objeto acabado".

TRIBUTO

A JÜRGENSEN

Retrospectiva no Macc reúne obras do pintor, escultor, tapeceiro, joalheiro, cenógrafo e arquiteto campineiro, morto no ano passado

O artista plástico campineiro Geraldo Jürgensen será homenageado a partir de amanhã no Macc (Museu de Arte Contemporânea de Campinas) com exposição de telas e esculturas. Morto em maio do ano passado, o pintor, escultor, tapeceiro, joalheiro, cenógrafo e arquiteto tem seu nome inserido entre os grandes das artes plásticas em Campinas. A mostra, promoção da Secretaria de Cultura e da Galeria Aquarela, poderá ser vista até 20 de outubro, de terça a sexta-feira, das 12 às 19 horas, e aos sábados, domingos e feriados das 13 às 18 horas. O Macc fica na Rua Benjamin Constant, 1633, Cambuí.

Ousado, inquieto, eclético e irreverente, Jürgensen deixou extensa obra, onde rompeu os limites entre o figurativo e o abstrato. Como pintor, passeou sua vesatilidades pelas mais diferentes técnicas: aquarelas, óleos, acrílicos, couro. Como escultor, ia do ouro ao cobre e do cobre ao lixo, sendo um dos pioneiros, ao lado de Mario Cravo, no uso e compreensão da sucata como material plástico no Brasil. "Não podia passar por um portão de ferro sem estabelecer o parentesco do mesmo com deuses, moluscos e demônios. Bruxo magnânimo, alterava o destino de tudo em que tocasse", disse dele o artista plástico, amigo e curador da mostra Egas Francisco.

Como arquiteto, projetou em Campinas a Igreja Nossa Senhora de Lourdes, Banco de Boston e a adaptação do Teatro Castro Mendes, entre outras obras. Como cenógrafo, participou de montagem da ópera *Il Guarany*, de Carlos Gomes, no Scala de Milão e *Um Rato no Muro*, de Hilda Hilst, no Teatro Anchieta, São Paulo, entre outras.

Nascido em 1927, Jürgensen iniciou-se nas artes plásticas com aquarelas impressionistas. Nos anos 50 era aluno da Faculdade de Arquitetura do Rio de

Janeiro, conceituada escola por onde passou Lúcio Costa, amigo do artista, entre outros. De volta a Campinas em 1957 — depois de uma vida de pouco estudo e muita boemia no Rio — no ano

seguinte integrava o rol dos fundadores do Grupo Vanguarda, união de artistas campineiros contra o marasmo artístico reinante na cidade.

Premiado 22 vezes em salões oficiais do Brasil, Jürgensen teve seus trabalhos vistos nas melhores galerias do País e salas especiais nas Bienais. Em 1967 expôs suas jóias em Washington e em 1978 pintou a memorável série de

aquarelas sobre Paris. Viajante, Egas vagou pela África, Europa e Oriente Médio, colhendo impressões que se transformaram em desenhos e aquarelas.

Kame - Iwo

Herma de Hideyo Noguchii
inaugurada a ma Cândido Gomide
em 5-VI-1967

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Vez album especial

Wes

Koegl, Tony

Quadios, coleção Ste Casa, n.º 43

20. Neri, coleção Museu Arquidiocesano
doado à Santa Casa?

Koeigl - Tomy

veja "História da Pintura no Brasil"
pag 379

Nasceu no Tirol a 6-XII-1898. Iniciou seu curso de pintura em Innsbruck. Estere na guerra de 1914. chegou ao Brasil em 1923, expondo em São Paulo pela primeira vez em 1928.

Pintou o retrato de 2.º Bispo de Campinas, Dom Francisco de Campos Barreto, ótimo trabalho pela fidelidade do físico. Está no Museu Arzvidioce-sano de Campinas.

No mesmo Museu está sua pintura com o retrato do 1.º Bispo de Campinas, Dom João Batista Corrêa Nery, em tamanho menor. Na pinacoteca da Santa Casa de Campinas, está, de sua autoria, o retrato de Raul de Sousa Campos.

Tela de Tony Koezl



Retrato de Dom João Batista Correia Nêre
Tela de

coleção do Museu
Arquidiocesano de Campinas

Biografia de Tony - no Hist de Pintura no Brasil
de J. M. do Rio Junior - pag 379
fazer cópia

Óleo de TONY KOEHL



Retrato de Raul de Sousa Campos

Tela de 1953

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

Óleo de CAROL KOSSAC



"Ilha de Itaparica"

Tela de

Coleção Mariazinha de Mello Pupo

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Laroca - Vicente

Herma de Hércules Florencel, no
Largo São Benedito, inaugurado
em 28-II-1963

Vaga album especial

Lobe, Frederico S.

antes de pintura - cidade 1-V-1902

Óleo de Annita Álvares Lobo
(depois Lobo de Mello Pupo).

"Fiel". coleção de Maria Teresa de Mello Pupo Simioni:



Natureza morta, 1921.

Coleção Maria Francisca de Mello Pupo.



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Anna Elisa Álvares Lobo - 1921.

depois Anna Elisa Lobo de Mello Pupo.



"O menino do galo"

Dimensões: 0,23 X 0,15



Assinatura: canto baixo - direita

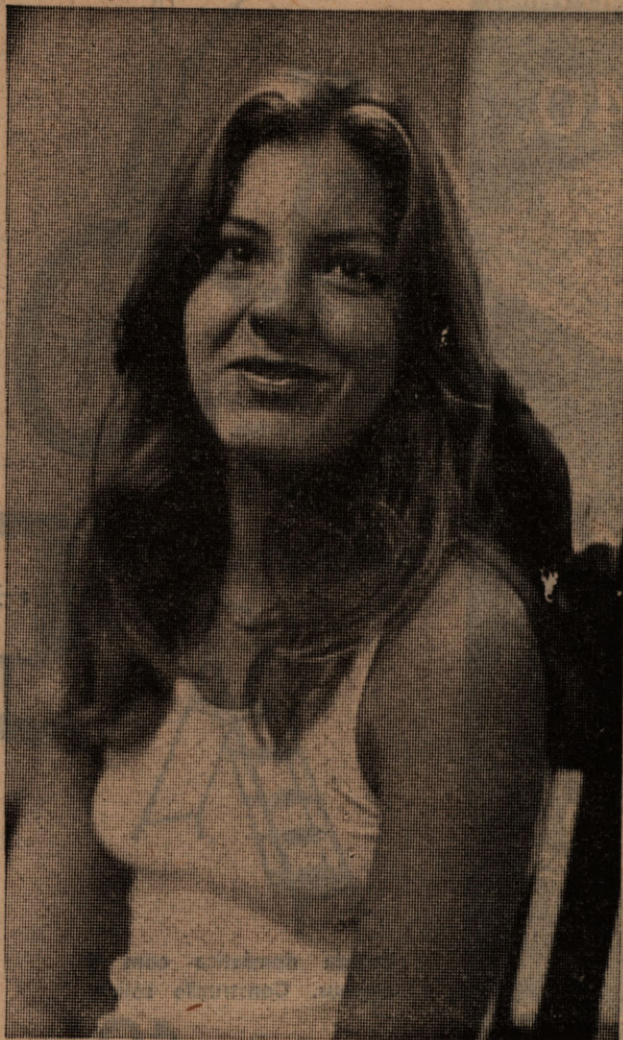


"Dúvida"

Dimensões: 0,65 X 0,23
Assinatura: canto baixo - direita

Academia Campinense de Letras abre exposição próximo dia 24

Conforme já houveramos noticiado, a Academia Campinense de Letras abrirá suas portas no próximo dia 24, sexta-feira, às 20 horas, a fim de apresentar duas exposições: a mostra de pintura de Tanya Loehle (incentivo à arte jovem) e a do fotógrafo mineiro Amaury de Almeida, este detentor de prêmios em diversos cometimentos artísticos do país. Deverá presidir à reunião, o Prof. Odilon Nogueira de atos, presidente da Academia Campinense de Letras, devendo o acadêmico Maurício de Moraes expor a motivação das referidas mostras de arte. Acadêmicos, intelectuais, artistas plásticos e convidados deverão prestigiar a primeira reunião do sodalício campineiro, que, em 1978, reabre seu salão ao encontro da cultura e de arte. Far-se-ão representar ao evento a Academia de Letras e Artes de Campinas; a Academia Paulista de Letras; o Instituto Mineiro de Artes Plásticas; o Centro de Poesia e Arte de Campinas; a Academia Poços-Caldense de Letras e a Sociedade Veteranos MMDC.



Tanya Loehle a jovem e promissora pintora que exporá na Campinense de Letras.

TÂNIA LOEHLE, exposição na Academia Campinense de Letras a
24/2/1978



ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

TÂNIA LOEHLE, exposição na Academia Campinense de Letras a
24/2/1978



PINTORA MARIA APARECIDA

VERGUEIRO VAN LANGUENDONK



Nº 524 - GUILHERME FLORENCE

Dimensões da tela: alt. 0,50; largura 0,40.

Material: óleo sobre tela.

Exterior: cores, emoldurado.

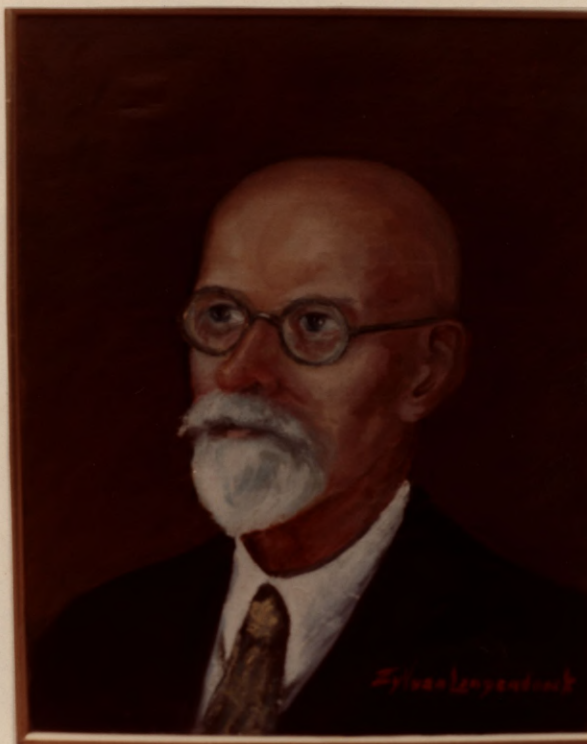
Época: 1984.

Procedência: da autora, São Paulo.

Origem: obra da pintora Maria Aparecida Vergueiro van Languendonk.

Ofertante: a autora.

Observações do Museu: O retratado era irmão gêmeo de Paulo Florence (nº 525), nascidos ambos a 19/6/1864 em Campinas, filho de Hércules Florence, descobridor da fotografia, em seu segundo casamento com Carolina Krug, diretora do conhecido colégio Florence de Campinas. Guilherme engenheiro de minas, formado na Alemanha, fez parte da Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo. Atuou em Ipanema e deixou trabalhos de valor na sua especialidade. Falava e escrevia em onze línguas, como seu irmão gêmeo.



Nº 525 - PAULO FLORENCE

Dimensões da tela: Olt. 0,50; larg. 0,40.

Material: óleo sobre tela.

Exterior: cores, emoldurado.

Época: 1984.

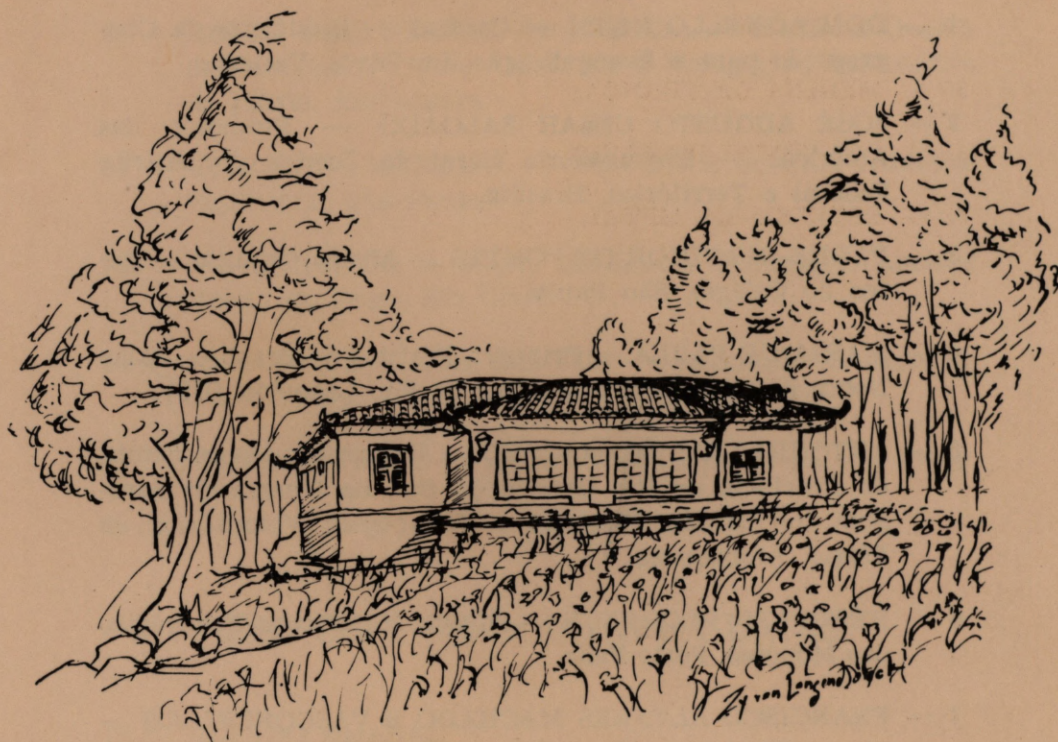
Procedência: da autora, São Paulo.

Origem: obra da pintora Maria Aparecida Vergueiro van Languendonk.

Ofertante: a autora.

Observações do Museu: O retratado é irmão gêmeo de Guilherme Florence (nº 524) nascidos ambos em Campinas a 19/6/1864, filho de Hércules Florence em seu segundo casamento com Carolina Krug, diretora do conhecido Colégio Florence de Campinas. Dedicou-se à música com altos estudos na Alemanha e Itália, participando de conjunto musical em concertos musicais, deixando valiosas composições. Como seu irmão gêmeo falava e escrevia em onze línguas.

EXPOSIÇÃO



Pintura e Desenho

de

ZY van LANGENDONCK

São Paulo, 18 a 22 — VI — 1975

Cover Popular - 13-VII-1977

UM FATO LAMENTAVEL

Senhor redator: "Passou despercebido dos jornais, a notícia de um trágico acidente na Via Anhanguera, perto de Americana, em que perdeu a vida um talentoso pintor, residente em Campinas, Osvaldo Lobo, que viajava para Piracicaba levando duas telas para participar do Salão de Belas Artes, nessa culta cidade. Ao retornar, seu carro sofreu um desastre, em que ele perdeu a vida, saindo gravemente feridas suas duas filhas. Desejo, através destas linhas endereçadas à Coluna do Povo, registrar o triste fato e prestar minha

homenagem ao artista, que conquistou o Prêmio de Viagem do Salão Paulista de Belas Artes, em 72, recebendo vários prêmios em outros certames artísticos. Por ser um "acadêmico", avesso a essas extravagâncias e absurdos que se exibem por aí, era marginalizado e pouco conhecido, a não ser pelos seus verdadeiros amigos. Tinha pela pintura uma verdadeira paixão e estava sempre em busca do aperfeiçoamento técnico e artístico, além de ser uma pessoa simples, modesta e inteligente. Uma grande perda, a morte de Osvaldo Lobo.

MAGRO - B. (Bruno)

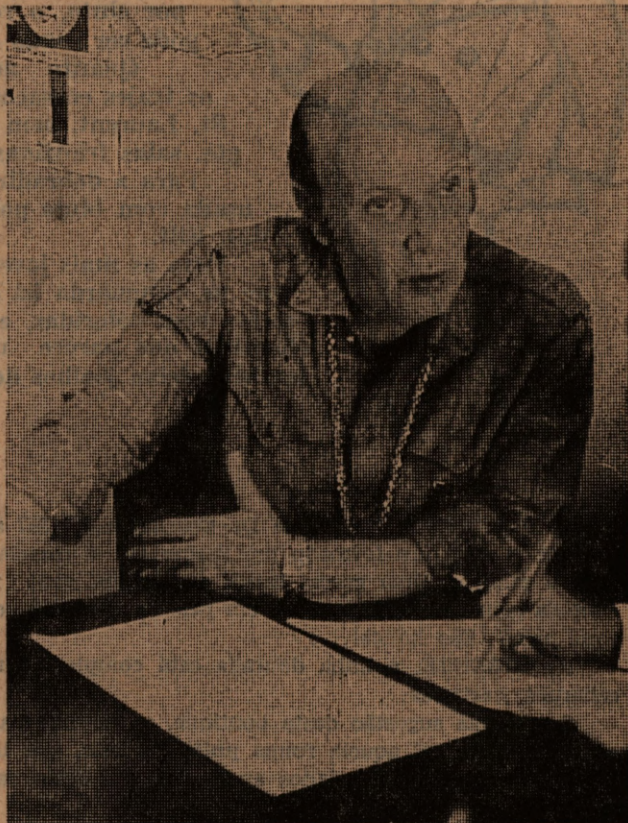
"Retratistas a crayon"

Rua Cônego Cipião nº 1.

Casa do Prof. Hilário Magro
em agosto de 1989 em questão
com o Condefacc.

FALECIMENTO DO DR. CARLOS MAIA

Correio Popular - 3-VI-1977



Dr. Carlos Maia

Foi sepultado ontem, às 17 horas, saindo o feretro do necrotério do Cemitério da Saudade, para o jazigo da família, no Cemitério da Saudade, o dr. Carlos Maia, médico e destacado elemento dos meios artísticos da cidade, tendo exercido, durante anos, o cargo de assessor de Artes da Prefeitura

Municipal, trabalhando, anteriormente, na Rádio Nacional, integrando o "cast" das novelas. Carlos Maia contava 73 anos de idade, solteiro, deixando numerosos parentes. O acontecimento foi muito concorrido, com representações de grupos de amadores e outras entidades.

CARLOS MAIA

Maria José Morais PUPO NOGUEIRA

As vezes parece que faz muito tempo e outras vezes se aproxima tanto da lembrança como se fosse ontem. Falávamos da morte que ele tanto temia que a expressão de pavor desmesurava-lhe os olhos claros e a respiração se asfixiava ao medo pressentido. Procurava desviá-lo do assunto, forçando-o a voltar ao passado, à mocidade despreocupada e rica quando estudava no Rio e lançava a última moda parisiense à sociedade carioca. Havia tantas coisas a relembrar que me era fácil conduzi-lo ao sucesso de suas fantasias carnavalescas, os prêmios, as viagens à Europa. Aos poucos se desprendia da sombra da morte à medida que a narração conquistava o tempo encontrado.

Ficávamos sentados no canto da platéia do antigo Teatro Municipal, a mirar o lustre que resplandecia no alto, enquanto os maquinistas compunham o palco onde reviveria a História do Cristo.

— Foram minhas irmãs que escolheram os lustres quando meu pai inaugurou este Teatro.
— Foi ele quem construiu o nosso Teatro?
— As obras foram iniciadas por Rafael Duarte, mas meu pai lutou com todos os escasos recursos da Prefeitura e conseguiu terminá-lo. Lembro bem da noite de estréia, com Bidu Sayão... a sociedade num luxo de pasmar! Ele estava contente, triunfante!

Mergulhado na saudade, o amor se deramava em palavras cheias de orgulho, de admiração ao homem que lhe dera o ser. No auge da exaltação, de repente pendia a cabeça, cerrava a meio os olhos.

— Quanta alegria ter-lhe-ia dado se eu tivesse sido outro. Tinha nas mãos tudo quanto precisava para vencer na vida e me enveredei por outro caminho. Ele deveria ter esperado tanto de mim...

— Você é um artista, Carlito. Cada qual segue o seu destino, as perspectivas não são as mesmas para todos. Você sentia mais vocação à pintura, ao teatro que à medicina. Seu pai deve ter compreendido e perdoado.

Durante a demolição do Teatro, plantavamos defronte as ruínas, o coração pesado de tristeza. Um dia ele não se conteve. As picaretas arrebatavam as figuras de porcelana em fundo de ouro que ornamentavam as paredes. Aproximou-se de um dos homens e gritou-lhe.

— Vocês estão destruindo uma parte da história de Campinas, nunca mais teremos um Teatro igual a este. É verdade que ia cair?

— Cair? Nem daqui mil anos.

Voltamos passo a passo como se deixássemos lá trás um amigo sacrificado.

Continuamos a nossa vida de funcionários municipais, lado a lado, cumprindo determinações cujas evidências de nos humilhar o desesperava.

— Não é justo que façam isso conosco. Podemos fazer tanto e ficamos marginalizados, isolados. Você perdeu até o seu cargo e eu nem

tenho cargo algum. Até certos colegas nos evitam ao temor de caírem em desagrado dos chefes.

— Deixa passar, Carlito. Outros tempos virão. Teremos outros prefeitos que reconhecerão o seu valor.

Lembra-me que mandaram-nos reconstituir o museu do bosque. Deparamos com o salão reformado, coberto de poeira e resíduos de tinta, blocos de tijolos cimentados e, o que era museu, amontoado em outro compartimento, desordenadamente.

— Impossível, Carlito. Desisto.

Então ele mostrou a sua capacidade de trabalho. Fez-me sentar num banco de fora, à sombra de uma árvore, com velhas revistas achadas numa arca e recomendou-me a leitura delas, que me distraísse. Por longas horas ficou a varrer, limpar, lustrar, ajeitar, decorar e, ao cair da tarde chegou a mim, coberto de pó, as roupas sujas, em contraste flagrante consigo mesmo, sempre tão limpo e bem trajado. Ri-me. O riso o contagiou. As gargalhadas entrecortavam-lhe a voz.

— Pra ver a que ficou reduzido o filho de Orozimbo Maia, o médico que ditava a moda à sociedade carioca!

Mas não era isso, não. O artista lá estava. Como num passe de mágica, a sala se transformara numa maravilha. A harmonia, a sutileza, o bom gosto, a arte enfim brotava em cada canto a produzir o milagre da beleza.

— Você é um gênio, Carlito!

Olhávamo-nos com tanta amizade, tanta confiança e sinceridade que senti-o comovido. Beijou-me a mão. Sempre me beijava a mão ao impulso de uma gratidão qualquer, com aquela delicadeza que o caracterizava. Nunca a perdeu. Fosse com quem fosse, era profundamente delicado. Mesmo quando atingido por alguma insinuação maldosa, continuava delicado. Não retribuía a grosseria com a grosseria. Sua reação consistia apenas em ignorar a ofensa e aprumar o porte com a dignidade do perdão. E é preciso ter sofrido muito para isso.

Através do tempo aprendi a compreendê-lo, respeitá-lo e amá-lo. Ele me falava de suas misérias, mas quanta grandeza, quanta abnegação, quanta carência de afeto! Para fugir à solidão, era capaz de todos os sacrifícios.

— Sou mendigo de amor. Tenho fome e sede de afeição, de companhia humana. Você me compreende, muitas vezes é mais espiritual do que material... você me compreende?

Olhava-me com ansiedade crescente à busca de uma afirmação.

— Compreendo, Carlito.

— Não há nada em comum entre você e eu, somos dois polos opostos.

— Não acho. Somos, antes de mais nada, duas criaturas humanas que se encontram todos os dias à vista de um fim comum.

— A morte?

Correio Popular. 17-VI-1977

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

VIRE

Voltava ao tema torturante numa estranha atração de abismo. Talvez não temesse a morte em si, ao desaparecimento total, mas ao impacto supremo, ao arrancar das raízes presas à vida que tanto amava. Sentia-o gelado de medo como se visse uma montanha desabar em sua direção.

— E depois?

— Depois o quê, Carlito?

— Depois da morte, minha alma perdida nas trevas, sem caminho, sem rumo, sem as pessoas que amo. O julgamento de Deus... sou um pecador irremissível.

— Que é isso, Carlito! Todos somos pecadores, Deus o sabe, mas Ele está mais atento às lágrimas que aos pecados. É sobre o vale de lágrimas que se fará o julgamento as lágrimas que se derramou e que se fez derramar.

— Se é assim há uma catarata de lágrimas para me salvar. É lindo tudo isso. Como Deus é bom!

Tinha um ar de menino feliz que recebe um beijo por suas travessuras, porque chorou e sofreu por elas. Referia-se como um destruidor de Cristo quando apresentava-O no palco e carregava-Lhe a cruz.

— Sou o símbolo do pecado incarnando a pureza suprema. Tenho a impressão de que cometo um sacrilégio.

— Não sei porque. Se nada deste mundo acontece por acaso, se tudo emana da vontade de Deus, por certo o Cristo o escolheu, assim como é, para levar ao povo de Campinas a Sua cruz e o Seu perdão.

Naquele momento ele viveu a alegria do ser que transcende a criatura.

— Como são insondáveis os desígnios de Deus!

Vinha dele a sensação de um extravasamento interior, de um encontro com a fé a encher-lhe o vazio e iluminar-lhe a alma.

Teve muitos momentos como este, em que se percebia a luta contra si, a dureza com que combatia a fraqueza, a covardia.

Sou muito ingrato. Sei a vontade de Deus, ela é enorme, fica abertada em meus limites, minha vaidade, minhas exigências. Sei que tudo quanto recebo em certos momentos, desaparece. A gente se esquece de que Deus está dentro da gente. Tenho medo de morrer sem conseguir ver Deus em mim.

Ele o conseguiu, estou certa. Para isso não lhe faltou o longo silêncio do Encontro. Meses e meses, horas e horas, esperando... esperando...

Disseram-me que morreu dormindo. O Amigo Eterno poupou-lhe o terror do desenlace tão temido, o doloroso e aflito arrancar das raízes. Anestesiou-o a misericórdia e ele partiu tranquilo, com aquele sorriso em que os momentos de luz o iluminavam. Partiu com o Amigo Eterno para a pátria eterna.

MALFATTI - Anita



"Madona, Jesus e São João"



Anita Malfatti, Uma Estudante, óleo sobre tela,
76,5 x 60,5 cm, 1915/16 - Acervo MASP

"Nu"

e Arte", venda nº 12
De Renato Magalhães Gouvea.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Mallozzi - Tolando

Monumento de Campos Sales

Inaugurado a 8 de agosto a 1934 em Praça

Visconde de Indaialva, depois removido

para a Avenida Campos Sales, esquerda

Herma de Alvaro Ribeiro, inaugurada
a 4-IX-1952, no Largo do Pará.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

Viz album especial

Ules

m. S. Bernardo do Campo
"Contemporâneos"

Manzo, Henrique

Teodoro Braga, 155

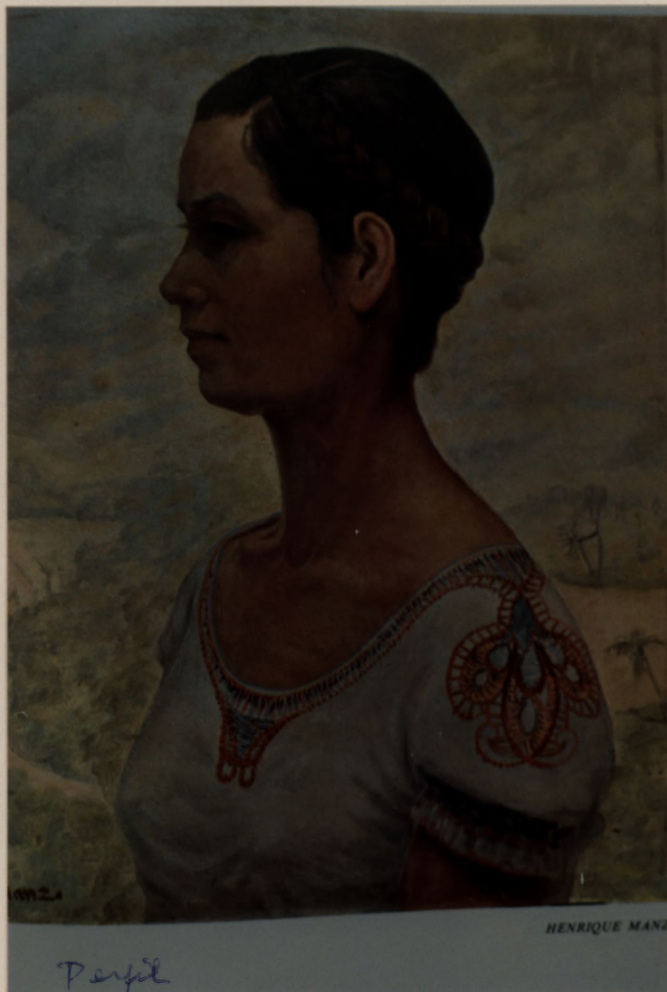
retros na Santa Casa n.º 33, 34

reproduções de vistas no Museu Arquidiocesano

Tem quadros na Pinacoteca do Estado (Catálogo 1934, pag. 107)

Tem retratos no Museu Correia & Ite - Ite SP

"PERFIL" de Henrique Manzo



Do livro "Pintores Contemporâneos de São Paulo"

Óleo de HENRIQUE MANZO



Retrato de Dr. Adriano Júlio de Barros

Tela de 1943

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.

ARQUIVO
Celso Maria de Mello Pupo
Campinas - SP.

6100 de HENRIQUE MANZO



Retrato de Dona Altimira Alves Ceuto de Barros

Tela de 1943

Coleção da Irmandade de Misericórdia de Campinas - Santa Casa.